


UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

**AS ORAÇÕES DE TEMPO EM LIBRAS:
UMA ABORDAGEM TIPOLÓGICO-FUNCIONAL**



ARARAQUARA – S.P.

2021

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

AS ORAÇÕES DE TEMPO EM LIBRAS: UMA ABORDAGEM TIPOLOGICO-FUNCIONAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Bolsa: CAPES
(Processo nº 88887.343157/2019-00)

ARARAQUARA – S.P.

2021

C919o	<p>Crescêncio Neto, Juarez Domingos</p> <p>As orações de tempo em libras : uma abordagem tipológico-funcional / Juarez Domingos Crescêncio Neto. -- Araraquara, 2021</p> <p>113 f. : tabs., fotos</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara</p> <p>Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues</p> <p>1. Oração de tempo. 2. Funcionalismo. 3. Tipologia. 4. Línguas de Sinais. 5. Língua Brasileira de Sinais (libras). I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JUAREZ DOMINGOS CRESCÊNCIO NETO

AS ORAÇÕES DE TEMPO EM LIBRAS:
UMA ABORDAGEM TIPOLOGICA-FUNCIONAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Bolsa: CAPES
(Processo nº 88887.343157/2019-00)

Data da defesa: 19/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista UNESP / FCLAR

Membro Titular: Prof. Dr. André Nogueira Xavier
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Membro Titular: Prof. Dr. Anderson Almeida da Silva
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Membro Suplente: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
Universidade Estadual Paulista UNESP / IBILCE

Membro Suplente: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista UNESP / FCLAR

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
Unesp – Campus de Araraquara

À dor e ao sofrimento,
que movimentam a minha vida

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa é resultado de um processo que atravessa a minha vida inteira. Ela entrelaçam tantos aspectos profissionais quanto aspectos pessoais, construídos pelo contato com os diversos professores, amigos e colegas. Venho agradecer, mesmo que brevemente, a cada uma dessas pessoas.

Agradeço, pois:

À oportunidade de desde a graduação, mestrado e doutorado poder estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, universidade essa que, infelizmente, está sempre ameaçada pelo governo atual que promove a sua desconstrução. Entristece-me ver que grande parte da população brasileira ainda não consegue entender e discernir o quão benéfico são as pesquisas científicas para a sociedade e para o mundo. Espero que um dia todos possam ter esse conhecimento e prestigiá-la de fato.

À CAPES, pelo financiamento para realização do curso de pós-graduação, a nível de mestrado, em Linguística e Língua Portuguesa, sem o qual não teria conseguido me manter em Araraquara. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Elaine Rezende, esse anjo que Deus colocou na minha vida, pela amizade, pelas caminhadas na represa, pelos “rolês héteros” (rs) e por ser a minha confidente.

À Eleven (Maria Júlia Soares), ao Abra (Rafael Iberi Vaz) e à Eight (Mariana Pires) pela amizade ao longo desses anos que estamos juntos em Araraquara, pela companhia, pela afeto, pela empatia, por não me deixarem enlouquecer nessa pandemia. Agradeço também à República Xikerão, lugar em que nos conhecemos.

À Silva Rocha, essa grande mulher e advogada que pude conhecer, pelo cuidado, pelo amor materno, pelo acolhimento e pela potência de viver que me inspira.

À minha querida professora Angélica Rodrigues pela oportunidade única de ser seu orientando, pela paciência no meu amadurecimento acadêmico e pessoal, por me inspirar a ser um Linguista de Língua de Sinais e a combater a desigualdade social entre classes minoritárias, desde a Comunidade Surda até a Comunidade LGBTQIA+. A classificação de constituintes numa determinada classe gramatical e a análise de seu processo de gramaticalização demonstraram ser conceitos muito mais relacionados a minha vida do que eu pensava.

Ao Felipe Aleixo, pelo apoio e pelo exemplo de professor e de linguista.

Ao Wesley Nascimento, pela disponibilidade na discussão dos meus dados em Libras.

Ao Jorge Leite, por sempre me ajudar e me aturar com os afazeres do mestrado, e pela amizade.

Às minhas amigas Monique Siqueira, Laís Espinosa e Sarah Chiodi, pelo companheirismo ao longo do mestrado na FCLAr, pelos “deboches e desabafos” (kkk) e pelo carinho e pelas longas conversas sobre a vida e a experiência universitária.

Ao grupo de teleacolhimento da Unesp, em que pude conhecer pessoas tão maravilhosas, como a professora e mediadora Mary Okamoto, Guilherme Mores, Pamela Casemiro, Marina Patrício, Karen de Souza, Tábata do Amaral. Agradeço pelos momentos de acolhimento e pelas longas conversas sobre a vida.

À minha psicóloga Giovane Benitte, pelo acolhimento e pelos momentos de terapia.

À Moura Soares (CTA, São José do Rio Preto) e à Saliane Ribeiro (CTA, Araraquara), essas duas grandes mulheres e ativistas na prevenção ao HIV/AIDS que tive a oportunidade de conhecer. Agradeço pelo carinho e pelo acolhimento ao longo desse processo, desde quando tive o diagnóstico positivo para o vírus da AIDS, em 2019. Agradeço também aos amigos, que ainda não posso citar aqui, e a todos os ativistas que se propõem a fazer parte dessa causa. Essa dissertação também está dedicada a todas as pessoas vítimas do HIV e da AIDS, desde o início da sua pandemia. Meu desejo é que por meio desse texto eu possa inspirar todas as pessoas que vivem com HIV e as pessoas que, no futuro também possam receber esse diagnóstico, e fazer entender que é possível sim passar por essa situação, que é possível sim vencer a sorofobia e que viver com um vírus é apenas uma característica e não um fator determinante.

Aos meus professores da Unesp de São José de Rio Preto, onde me graduei em Letras. Agradeço aos professores, Marta Kfourri, Luciene Marie, Roxana Guadalupe, Talita Storti, Sandra Gasparini, e tantos outros, pela conexão e pelas boas vibrações. Obrigado por terem me ajudado com as minhas dúvidas e indecisões quando eu estava preocupado e ansioso com o futuro, durante a minha graduação. Agradeço também aos professores Gisele Cássia, Edson Rosa, Erotilde Pezzati, Beatriz Goaveia, Monielly Serafim, entre tantos outros, por terem me ajudado a entender melhor o objeto de estudo na graduação e pela disponibilidade em conversar comigo sobre questões linguísticas. Agradeço, em especial, a Gustavo Andrade, por ter me acompanhado/suportado (rs) desde o Ensino Médio, por ter me ajudado em cada etapa do desenvolvimento do meu projeto de pesquisa para o mestrado.

À Clarice Lispector, pela ressonância límbica, por segurar a minha mão enquanto eu comia a barata, por me dar acesso ao processo de introspecção no qual encontro finalmente um espaço para alocar a dor, pelos processos de (des)construção e pelas zonas de desenvolvimento proximal pelas quais enfrentei. A pandemia do coronavírus e da COVID-19, essa zona pela qual estou passando atualmente, tem sido a mais densa e opaca.

Aos meus pais, de sangue, por desaprovarem e desincentivarem a minha profissão de professor-pesquisador. O não incentivo, às vezes, pode ser fundamental para ultrapassar determinados obstáculos.

Meu método de visão era inteiramente imparcial: eu trabalhava diretamente com as evidências da visão, e sem permitir que sugestões alheias à visão predeterminassem as minhas conclusões; eu estava inteiramente preparada para surpreender a mim mesma. Mesmo que as evidências viessem contrariar tudo o que já estava em mim assentada pelo meu tranquilíssimo delírio

Sei - por meu próprio e único testemunho - que no início desse meu trabalho de procura eu não tinha a mais fraca ideia da espécie de linguagem que me seria revelada aos poucos

O contato com o supersom do atonal tem uma alegria inexpressiva que só a carne, no amor, tolera. Os grandes têm a qualidade vital da carne, e, não só toleram o atonal, como a ele aspiram

Minhas antigas construções haviam consistido em continuamente tentar transformar o atonal em tonal, em dividir o infinito numa série de finitos, e sem perceber que finito não é quantidade, é qualidade. E meu grande desconforto nisso tudo tinha sido o de sentir que, por mais longa que fosse a série de finitos, ela não esgotava a qualidade residual do infinito

Clarice Lispector (1964)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar e descrever as orações de tempo em libras e propor critérios para a sua identificação e classificação semântica. Sobretudo, exploramos as relações temporais entre unidades linguísticas que podem emergir da correlação entre dois estados de coisas - o estado de coisas dependente, associado, na literatura, à oração de tempo, e o estado de coisas principal, veiculado pela oração principal, no discurso produzido por indivíduos surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais (libras). Nossa análise é feita com base em dados, anotados por meio do ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), extraídos do Córpus de Libras da UFSC. Para a análise dos nossos dados, propusemos os seguintes critérios para identificação de orações de tempo: (i) oração de tempo vinculada a uma oração principal; (ii) mobilidade da oração de tempo, a qual pode estar anteposta, posposta ou intercalada em relação a principal; (iii) valores semânticos que emergem da oração de tempo: anterioridade, posterioridade e simultaneidade; (iv) modo de articulação entre as orações: justaposição – no estágio atual da investigação não consideramos a existência de conjunções temporais nessa língua. Os resultados obtidos permitem-nos atestar que: (a) a anteposição da oração de tempo em relação à principal é a ordem não marcada nos nossos dados, (b) as orações temporal e principal são expressas, sobretudo, sem a presença de conjunção manual, (c) os valores temporais expressos nas orações analisadas podem se sobrepor a valores causais e condicionais, principalmente, e (d) a recorrência dos sinais CRESCER e CRIANÇA, em contexto de narrativas de experiências pessoais, parece exibir um padrão que pode estar associado à expressão de eventos marcados pelo aspecto imperfectivo.

Palavras-chave: Oração de tempo; Funcionalismo; Tipologia; Línguas de Sinais; Língua Brasileira de Sinais (libras).

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze and describe temporal clauses in the Brazilian Sign Language (libras) and to propose criteria for their identification and semantic classification. Above all, we explore the temporal relations that can emerge from the correlation between two states of affairs - the dependent state of affairs, associated, in the literature, with the temporal clause, and the main state of affairs, conveyed by the main clause, in the discourse produced by deaf individuals, users of the Brazilian Sign Language (Libras). Our analysis is based on data, annotated in the ELAN (Eudico Linguistic Annotator) software, and extracted from the Corpus of Libras organized by researchers from Federal University of Santa Catarina (UFSC) in Brazil. For the analysis of our data, we proposed the following criteria for identifying temporal sentences: (i) time sentence linked to a main sentence; (ii) mobility of the time clause, which can be placed before, postponed or interspersed in relation to the main clause; (iii) semantic values that emerge from the temporal clause: anteriority, posteriority and simultaneity; (iv) mode of articulation between the clauses: juxtaposition - at the current stage of the investigation we do not consider the existence of temporal conjunctions in that language. The results obtained allow us to attest that: (a) the preposition of the time clause in relation to the main clause is the unmarked order in our data, (b) the temporal and main clause are expressed, above all, without the presence of a manual conjunction, (c) the temporal values expressed in the analyzed sentences may overlap mainly causal and conditional values, and (d) the recurrence of the signs CRESCER (*grow up*) and CRIANÇA (*child*), in the context of narratives of personal experiences, seems to exhibit a pattern that may be associated the expression of events marked by the imperfective aspect.

Keywords: Temporal clauses; Functionalism; Typology; Sign Languages; Brazilian Sign Language (Libras).

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Trecho do texto “Imaginação”, sinalizado por Neiva	37
Figura 2 – Organização dos dados no Excel.....	60
Figura 3 – Oração de tempo anteposta.....	61
Figura 4 – Oração de tempo posposta	75
Figura 5 – Oração de tempo anteposta com valor semântico de anterioridade	77
Figura 6 – Oração de tempo posposta com valor semântico de posterioridade.....	80
Figura 7 – E(então): marcador conversacional	87
Figura 8 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com um articulador)	93
Figura 9 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com um articulador)	94
Figura 10 – Oração de tempo com núcleo CRIANÇA (com um articulador)	95
Figura 11 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com dois articuladores).....	95
Figura 12 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com dois articuladores).....	96
Figura 13 – Espaço de sinalização das orações temporal e principal para a construção [OT_CRESCER+OP].....	98
Figura 14 – Oração de tempo com núcleo ADULTO.....	103
Figura 15 – Oração de tempo com núcleo IDADE.	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantificação da ordem das orações de tempo anteposta e posposta .69
Gráfico 2 – Quantificação das construções de orações de tempo90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantificação do emprego de orações de tempo antepostas e posposta em cópús língua escrita e de língua oral.....	30
Quadro 2 – Características das orações principal e subordinada	41
Quadro 3 – Diferenciação entre as orações principal e temporal.....	42
Quadro 4 – Tipologia de Estados de Coisas	44
Quadro 5 – Traços semânticos temporais do desenvolvimento interno de estados de coisas	46
Quadro 6 – Continuum dos tipos de sentenças complexas	49
Quadro 7 – Levantamento dos participantes para a constituição do Cópús de Libras	57
Quadro 8 – Parâmetros de análise de orações de tempo	64
Quadro 9 – Parâmetros morfofonológicos dos sinais CRESCER e CRIANÇA	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
AUSLAN - Australian Sign Language (Língua de Sinais Australiana)
BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
CM – Configuração de Mão
CODA – Child of Deaf Adults (Filho ouvinte de pais surdos)
DGS – Die Deutsche Gebärdensprachen (Língua de Sinais Alemã)
FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial
IES – Instituição de Ensino Superior
INF – Infinitivo
ISL - Israeli Sign Language (Língua de Sinais de Israel)
L – Localização
Libras – Língua de Sinais Brasileira
LOC. ADV – Locução Adverbial
LOC. PREP – Locução Prepositiva
LS – Língua de Sinais
LSC – Língua de Sinais Catalã
LSF – Língua de Sinais Francesa
LSM - Língua de Sinais Mexicana
M – Movimento
MNM – Marcadores não manuais.
NGT – Sign Language of the Netherlands (Língua de Sinais Holandesa)
PA – Ponto de Articulação
SSL – Língua de Sinais Sueca

CONVERSÕES DAS GLOSAS

/: sinal interrompido

//: interrupção feita pelo próprio sinalizante

_ e +: tempo (símbolos usados quando um sinal é produzido de forma mais longa)

XXX: sinal não identificado

YYY: sem tradução

Glosas numeradas: variação (MAS1 e MAS2, por exemplo)

IX (index): apontação para pessoas, objetos, localizações (pronome)

DEM: pronome demonstrativo

POSS: pronome possessivo

DV: Verbos descritivos (classificadores)

FS(Unesp): Soletração

SINAL(nome): Sinal-Nominal

SINAL(xxx): sinal não conhecido

&(significado-do-gesto): gesto

E(ID do emblema): emblema

SINAL: marcadores não manuais

Marca de tópico: _____ top

Marca de negação: _____ neg

Marca de condicionalidade: _____ cond

Arqueamento de sobrancelha: _____ as

Franzimento de Sobrancelha: _____ fs

Inclinação da cabeça à direita: _____ IncD

Inclinação da cabeça à esquerda: _____ IncE

Inclinação da cabeça para baixo: _____ IncB

Inclinação da cabeça para cima: _____ IncC

Mouthing: _____ mth

Direção dos olhos: _____ do

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Fenômeno de estudo: as orações de tempo	19
2.1.1. As orações de tempo em línguas orais	20
2.2.1. As orações de tempo em línguas sinalizadas	33
2.2. Questão terminológica referente ao fenômeno de estudo	39
2.3. Relações adverbiais e a abordagem tipológico-funcional	46
2.4. Em resumo	52
3. MATERIAIS E MÉTODOS	55
3.1. Da escolha do córpus de pesquisa	55
3.2. O software ELAN (<i>Eudico Linguistics Annotador</i>)	58
3.3. Método de análise dos dados	59
3.4. Convenção de anotação utilizada para apresentação das ocorrências	60
3.5. Problemas metodológicos para a coleta de dados	62
3.6. Decisões metodológicas para a coleta dos dados	62
3.7. Em resumo	67
4. ANÁLISE DOS DADOS	69
4.1. Resultados	72
4.1.1. As relações expressas nas orações de tempo em libras	72
4.1.2. Valores semânticos das orações de tempo em libras	76
4.1.3. Sobreposição de valores semânticos nas orações temporais	82
4.2. Conjunções manuais nas orações de tempo da libras	86
4.3. Subgrupos de orações de tempo	89
4.3.1. Orações incluídas no subgrupo [OT_CRESCER+OP]	90
4.3.2. Orações incluídas no subgrupo [OT_IDADE+OP]	104
4.4 Em resumo	105
5. CONCLUSÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos, neste trabalho, uma análise funcionalista das orações de tempo na Língua Brasileira de Sinais (libras). Investigar a libras demonstrou ser um desafio, principalmente porque as bases tipológicas da linguística são construídas a partir de dados de línguas orais, estando, pois, profundamente orientadas para o tratamento de línguas da modalidade oral-auditiva. Desse modo, enveredar-se numa pesquisa dessa natureza, tendo como foco central o estudo de orações de tempo em libras, exigiu ultrapassar tanto as barreiras relacionadas à competência pessoal de compreensão da própria língua quanto à aplicação dos conhecimentos linguísticos para o tratamento de dados de língua de sinais, da modalidade visuo-gestual. Percebemos que, ao longo da pesquisa, ambos os aspectos estavam ainda muito *in natura*, em processo de desenvolvimento e de aprimoramento. Analisar e descrever uma língua de sinais, bem como compreendê-la de fato, demandou grande esforço, cujos resultados apresentamos aqui.

Tal como Dante e Virgílio estão para adentrar os portões do inferno e se deparam com a seguinte frase: *deixai toda esperança, oh vós que entraís*¹, de igual modo nos colocamos quando nos dispomos a analisar uma língua ainda pouco descrita. Fazemos essa comparação uma vez que, muitos dos conhecimentos que adquirimos ao longo de nossa formação pareceu-nos por um momento de pouca aplicabilidade, tendo a semelhança metafórica de uma bússola que aponta para o norte, mas que, na verdade, aponta para uma direção diametralmente oposta, contrária a concepção linguística tradicional. Adentrar-se nesta investigação é como deixar de lado parte dos parâmetros apreendidos nos estudos das línguas orais, desvinculando-se de toda e qualquer corrente linguística que pode, em certa medida, mudar a percepção real do nosso objeto de estudo. Devido a esse motivo, ao longo deste trabalho, sobretudo, na fundamentação teórica, iremos rever as nomenclaturas empregadas pela literatura as quais categorizam as orações de tempo, translinguisticamente, e classificam o seu *status*, nos diversos níveis linguísticos, desde a morfossintaxe até pragmática.

¹ No original: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*. (ALIGUIERI, 1979)

Para esta pesquisa em especial, buscamos, na proporção que era possível, descrever e analisar o funcionamento linguístico das orações de tempo na libras. A transposição de concepções linguísticas de uma língua oral para uma língua de sinais é um dos principais equívocos que todo novo pesquisador de línguas de sinais já deve ter cometido, em algum momento ou circunstância. Analisar a libras ou qualquer língua de sinais, sem se deixar trair pelas falsas correlações com as línguas orais, mostrou-nos, *a priori*, um obstáculo, mas que, conforme aprofundávamos nossas análises dessa língua, o modo como concebíamos as línguas naturais e seu tratamento foi se expandindo.

Um obstáculo que se impôs, durante um grande período de tempo, diz respeito às ambiguidades formais, com relação à morfossintaxe, e às ambiguidades funcionais, com relação à semântica e à pragmática. Reduzir os efeitos de critérios formais (como propriedades morfossintáticas do verbo da oração temporal), na interpretação das sentenças temporais da libras, foi mais que necessário para fazermos uso, de fato, de critérios funcionais. O estudo das línguas de sinais precisa muito mais do que isso, de tal maneira que os resultados obtidos por nós visam também a trazer reflexões que sirvam de base para estudos futuros.

Nesta perspectiva, temos como objetivo analisar e descrever as orações de tempo em libras e propor critérios para a sua identificação, levando em conta a natureza das línguas de sinais. Procuramos compreender, também, o funcionamento de sua correlação temporal com uma oração, chamada de oração principal. Dada a incompatibilidade dos critérios que a literatura nos oferece para abordar uma língua de modalidade visuo-gestual, percebemos que o estudo das orações de tempo na libras carece de um aprofundamento científico-metodológico, além de serem escassas as pesquisas em linguística sobre esse tema. Essa investigação será feita à luz de uma abordagem tipológico-funcional (CRISTOFARO, 2003; CROFT, 2001), que considera numa perspectiva translinguística a análise de estruturas gramaticais, sobretudo, por meio critérios funcionais, e não apenas por meio de critérios morfossintáticos, como a tradição gramatical fez durante muito tempo. A abordagem tipológico-funcional considera ser mais relevante analisar e descrever como os expedientes semânticos e pragmáticos estão associados à expressão morfossintática de complexos oracionais.

Defendemos que a abordagem tipológico-funcional possa ser adequada para a nossa análise, uma vez que seu arcabouço teórico nos parece proporcionar um tratamento metodológico que considera a natureza de línguas que se afastam do modelo das línguas indo-europeias, sem categorizá-las em parâmetros pré-definidos pela tradição linguística. Compreender como um complexo pode ser constituído pela correlação temporal entre dois estados de coisas e investigar como os seus aspectos semânticos e pragmáticos dão margem à sobreposição de valores causais, condicionais, entre outros, nos parece ser uma grande fonte de referência numa estrada tão pouco sinalizada como são os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais.

Nosso estudo é tipológico porque considera as diversas estruturas morfossintáticas que podem ser expressas no *continuum* de orações complexas. Isso se relaciona aos critérios usados para distinguir as estruturas de coordenação e de subordinação pois, tal como afirma Cristofaro (2003), “as mesmas estruturas morfossintáticas não desempenham a mesma função translinguisticamente e, inversamente, a mesma função não é desempenhada pelas mesmas estruturas”². Nosso estudo é também funcional, então, pois consideramos que essa distinção entre coordenação e subordinação pode ser feita na associação de critérios morfossintáticos com aspectos semânticos e pragmáticos, em que se pesa a natureza do contexto no qual as orações são empregadas.

Assim, no intuito de nortear nossa investigação sobre as Orações de Tempo em libras, nos propusemos a responder às seguintes questões que serão discutidas ao longo desta dissertação:

1. As orações de tempo em libras podem ser identificadas por meio de quais critérios gramaticais?
2. Que expedientes pragmáticos, semânticos e morfossintáticos estão associados a essas orações?
3. Existem conjunções temporais em libras?

² No original: the same morphosyntactic structures do not perform the same function cross-linguistically, and, conversely, the same function is not performed by the same structures (CRISTOFARO, 2003).

Esta dissertação está organizada em três seções. Na seção 1, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre os estudos das orações de tempo, dando destaque a autores que trabalham com esse tema numa abordagem funcional, para o português, e a autores que trabalham numa abordagem formal e numa abordagem semiótica, para as línguas de sinais, considerando o fato de que, para essas línguas, há uma pequena quantidade de pesquisa feitas. Nessa mesma seção, discutimos sobre as abordagens linguísticas, desde aquelas que consideram um estudo baseado em línguas indo-europeias até aquelas que consideram aspectos translinguísticos. Iremos apresentar também uma subseção em que debatemos a questão terminológica usada para manejar o fenômeno de estudo. Na seção 2, apresentamos os procedimentos metodológicos de coleta e de análise dos dados, bem como o corpus selecionado para análise. Há uma subseção específica na qual explicamos os critérios utilizados para a identificação das orações de tempo, a partir de parâmetros morfossintáticos e semânticos, selecionados para a análise da amostra. Na seção 3, apresentamos os resultados das análises empreendidas sobre as orações de tempo em libras, como a ordem formal e, por consequência, os valores que a sua mobilidade pode expressar; os valores semânticos temporais, de anterioridade, posterioridade e simultaneidade; a sobreposição de valores semânticos, como causa, condição, que podem emergir nesse complexo; e sobre a presença ou não de conjunções temporais. Apresentamos, por fim, as conclusões e uma síntese da investigação realizada. Todas as referências se encontram listadas no final.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Iremos discutir, nesta seção, o fenômeno de estudo em análise – as orações de tempo, bem como iremos mostrar como as pesquisas em linguística foram se expandindo de uma perspectiva que considerava basicamente as línguas indo-europeias, que tinham como foco apenas aspectos morfossintáticos, para uma perspectiva que aponta para questões translinguísticas, no estudo das orações complexas. Discutiremos também o tratamento dado às línguas de sinais e sobre como a abordagem teórica pode mudar a percepção sobre o objeto de estudo.

Além disso, buscaremos discutir aspectos relacionados à questão terminológica referente ao fenômeno de estudo. O objetivo dessa subseção é discutir nosso objeto de estudo, buscando ajustar a nomenclatura tradicionalmente empregada para as línguas orais para representar melhor o fenômeno tal como é descrito para as línguas de sinais. É muito importante essa subseção pois estamos esclarecendo que o tratamento dado às línguas de sinais deve se ater às especificidades da modalidade, o que requer, por sua vez, um distanciamento, em alguns aspectos, dos pressupostos construídos a partir das línguas orais.

2.1 Fenômeno de estudo: as orações de tempo

Tanto na literatura tradicional quanto na literatura translinguística, as orações de tempo compõem o conjunto das orações subordinadas, mais especificamente das orações adverbiais. Essas orações podem se correlacionar temporalmente por meio de três traços semânticos: (a) anterioridade, quando o evento da oração de tempo é anterior ao evento da oração principal; (b) posterioridade, quando o evento da temporal é posterior ao evento da principal; e, por fim, (c) simultaneidade, quando os eventos, de ambas as orações, são simultâneos, parcial ou totalmente (CRISTOFARO, 2003; NEVES; 2011). Ao longo desta subseção, dividida em duas partes, iremos apresentar o tratamento das orações de tempo na língua portuguesa e na língua inglesa, bem como iremos apresentar sobre como esse tratamento é dado para as línguas de sinais. Não se trata de fazer uma revisão bibliográfica exaustiva sobre os trabalhos publicados sobre as orações de tempo, mas temos o intuito de pontuar questões que são pertinentes para nossa pesquisa, levando em conta os

trabalhos de autores que desenvolveram pesquisas em abordagens tradicionais, funcionalistas ou formais, sobre o comportamento dessas orações em línguas orais e em línguas de sinais.

2.1.1 As orações de tempo em línguas orais

Ao longo desta subseção, iremos apresentar como é o tratamento dado às orações de tempo na língua portuguesa e em língua inglesa. Ressaltamos que o objetivo desta revisão é, sobretudo, de mostrarmos o estado da arte, remetendo aos trabalhos anteriores que versam sobre esse tema. Será mostrado, desse modo, que muitos dos dados apresentados aqui não serão necessariamente compatíveis com os dados que iremos apresentar na seção de Análise, tendo em vista a natureza linguística das línguas orais. Esperamos com essa subseção apresentar uma visão geral das orações de tempo e apresentar, gradualmente, o que iremos, e que é possível de fato, ser retomado em nossa Análise. Muitos dos aspectos morfossintáticos apresentados nessa revisão não são necessariamente relevantes para a análise dos nossos dados em libras, considerando que a língua portuguesa faz uso de diferentes estratégias gramaticais para a expressão da oração de tempo, que não podem ser verificadas nas línguas de sinais, uma vez que muitas dos aspectos morfossintáticos que serão apresentados remontam ao tratamento dado às línguas indo-europeias. Por outro lado, muitos dos aspectos relacionados à semântica e à pragmática apontam para a mesma direção dos resultados encontrados em nossa análise, para a libras.

Iniciando nossa revisão pelos textos mais clássicos da tradição gramatical, encontramos que, nas gramáticas tradicionais, a coordenação e a subordinação são vistas como processos gramaticais dicotômicos, em que pesam essencialmente aspectos morfossintáticos, que podem distinguir orações independentes e coordenadas, e as orações dependentes e subordinadas.

Segundo Bechara (2009, p. 476), as orações coordenadas compreendem orações de sentido completo, cujos subtipos são orações aditivas, adversativas e alternativas. As orações subordinadas, por sua vez, são consideradas orações dependentes e são subdivididas em três subgrupos, o das orações substantivas, das

orações adjetivas e das orações adverbiais. As orações de tempo integram o grupo das orações adverbiais ao lado das orações causais, condicionais, finais e concessivas, entre outras (BECHARA, 2009, p.471). O autor (BECHARA, 2009, p.328-329) destaca que as orações temporais podem ser introduzidas pelas conjunções *antes que*, *primeiro que* (para o tempo anterior); *depois que* e *quando* (para o tempo posterior); *logo que*, *tanto que*, *assim que*, *desde que*, *eis que*, *senão quando*, *eis senão que* (para o tempo posterior imediato); *quando*, *todas as vezes que*, *cada vez que*, *sempre que* (para o tempo frequentativo); *enquanto*, *entretanto que* (para o tempo concomitante); e *até que* (para o tempo terminal).

Seguindo uma abordagem funcionalista, Neves et. al. (2008, p. 938) afirmam que as orações de tempo constituem, como as orações de causa, de condição, entre outras, um dos subtipos da categoria hipotaxe, "processo de combinação de sentenças que envolve uma dependente, rotulada de hipotática, e uma nuclear".

Braga (1999) destaca as seguintes propriedades das sentenças hipotáticas de tempo: (a.) os conectivos que introduzem as sentenças de tempo; (b.) a realização do sujeito, (c.) a correlação tempo-modo e (d.) a posição das orações de tempo.

Com relação aos conectivos que introduzem as sentenças de tempos, Braga (1999), com base em seu *cópus* da modalidade falada do português, nos afirma que *quando* é o conectivo mais frequente, nas ocorrências nas quais os enunciados de tempo são antepostos à oração núcleo, ordem não-marcada. A autora também nos mostra que existem duas ocorrências que fogem a esse padrão: uma ocorrência de *logo que* e uma ocorrência de *enquanto*. A autora justifica esse desvio por conta da necessidade do falante de especificar, precisar a informação expressa pela oração de tempo. Das ocorrências que autora nos apresenta em seu texto, a autora nos explica que:

a ocorrência em (1) remete à duração mais prolongada e simultânea do estado de coisas codificado pela satélite, enquanto a locução *logo que*, em (2), sinaliza a estreita proximidade temporal dos dois eventos, proximidade que se diluiria caso essa locução fosse substituída por *quando*. (BRAGA, 1999, p.447)

(1) A gente andava acho que mais era dentro d'água, porque criança eu sei que me lembro de pequena e as minha(s) também, *enquanto são pequenas, só que(r) (es)tar dentro d'água, né?*³

Souza (1996), autora que se debruça sobre o estudo das orações de tempo na modalidade escrita da língua portuguesa, nos apresenta resultados divergentes dos apresentados por Braga (1999) ao mostrar que em seus dados encontra uma diversidade de conjunções temporais. Isso sustenta o argumento de que, no discurso oral, os falantes fazem pouco uso do rol de conjunções e locuções conjuntivas mais “apropriadas”, assim como afirma Rocha Lima (1972, *apud* BRAGA, 1999): “daquelas [as conjunções] capazes de circunscrever mais precisamente o tempo do estado de coisas expresso pela oração núcleo”. Braga (1999) também afirma, com base na ocorrência (2), que a interpretação temporal pode depender também tanto de informações linguística fornecidas pela própria sentença em si quanto do contexto maior no qual está inserida.

(2) Ai achei fabuloso... cenário de Hair uma ma:: Maravilha faz tempo que eu assisti *logo que começou eu fui...* achei um cenário uma coisa ah Ótima

Como salienta Braga (1999), valores aspectuais relacionados às orações de tempo determinam a interpretação semântica. Em (3), por exemplo, uma ocorrência que apresenta características próprias a narrativas de experiência pessoal, isto é: orações que contêm verbos no aspecto perfectivo e que estão alocados numa sequência que representa a ordem de acontecimento no mundo (LABOV, 1972 *apud* BRAGA, 1999).

(3) E a gente gostou que ficava todo dia jogando. Lembro um dia que a nós passamos no hotel, mas a gente não jogava dinheiro nada, só assim na brincadeira... então passou, umas velha(s), umas senhoras de mais idade, que nos viram sempre jogando, *quando nós passamos elas disseram assim: essas viciadas*

³ Nas ocorrências apresentadas por Braga (1999), a oração de tempo será destacada pelo uso de itálico.

A ocorrência em (4) apresenta verbo com aspecto imperfectivo, que garante a interpretação temporal de recorrência e, sobretudo, de condição, no trecho: *come, sempre que eu levo, se eu levo.*

(4) a Laizinha, ela vai na praia eu acho que durante o veraneio todo, com a possibilidade inclusive de comer peixe fresco, como *quando eu levo.*

Outro critério usado por Braga (1999) para a caracterização das orações de tempo é a identificação da realização de sujeito nessas construções. A autora mostra a realização do sujeito, em seus dados, distribuindo-os em três subgrupos: aquele que apresentam (i) pronome anafórico, como nos exemplos (3) e (4); (ii) sintagma nominal (SN), cujo núcleo é um substantivo (SN pleno), como em (1) e em (2); (iii) ou sujeito não realizado foneticamente (anáfora zero), como em (6).

Os resultados obtidos pela autora mostram que o sujeito é, sobretudo, realizado foneticamente, sendo que a anáfora zero representa 25% (15/31) das ocorrências encontradas. Braga, com o objetivo de explicar os percentuais desse critério, relaciona-o com os dois critérios: *posição da oração de tempo e identidade entre sujeito da oração de tempo e núcleo*, pois, segundo a autora, esses critérios e suas variáveis estariam relacionados ao modo como o sujeito é expresso, bem como ao tratamento dispensado à informação expressa na sentença de tempo.

A quantificação feita por Braga sobre o sujeito nas orações de tempo, para os seus dados, tende a ser expresso, sobretudo, por anáfora pronominal, que, segundo a autora, está fortemente relacionado a posposição das orações de tempo que não compartilham o sujeito com o núcleo. Já com relação a quantificação de sintagmas nominais plenos e zeros são idênticos, ou quase idênticos e, segundo ela, leva a concluir que o uso de ambos os tipos de realização do sujeito não está relacionado diretamente ao traço identidade do sujeito, quando se trata de orações de tempo antepostas.

Para esse critério, a autora conclui que (i) as correlações entre tipos de sujeito (anáfora pronominal, zero e SN pleno), (ii) posição da oração de tempo, e (iii) compartilhamento do sujeito não apresentam relação direta entre si. Por outro lado, e como consequência, a autora argumenta que é a própria oração hipotática que

fornece um contexto favorável para a explicitação do sujeito, argumento esse que vai ao encontro da hipótese de Haiman (1985), que afirma que a explicitação do sujeito é uma traço relacionado as hipotáticas:

Há de fato boas evidências de que as orações subordinadas são caracterizadas por não sofrerem redução ... orações subordinadas (adverbiais) marcam sujeito, tempo e modo no verbo, seja ele idêntico ao do verbo principal ou não (HAIMAN, 1985 *apud* BRAGA, 1999)⁴

Já com relação ao critério correlação tempo-modo nos enunciados de tempo, Braga (1999) mostra que, na maioria de suas ocorrências (66%), a oração nuclear e a hipotática compartilham o mesmo tempo e modo. As ocorrências que fogem a esse padrão (34%) apresentam outro comportamento por estarem relacionadas ao jogo entre aspecto perfectivo e imperfectivo, no tempo pretérito, que atua fortemente para a expressão de efeitos de figura e fundo (HOPPER; THOMPSON, 1980 *apud* BRAGA 1999), como na ocorrência em (5):

(5) Inf: porque o grupo que trabalha em Hair é enorme né?... você assistiu né?

Doc: uhn uhn.

Inf: tenho impressão que ali levou tanto tempo de ensaio... *bom eu quando:: tinha uns dezoito quinze a dezoito anos eu estudei balê... e tive oportunidade de trabalhar fazer uma cena como o::*

Das ocorrências restantes, a autora afirma que se correlacionam com a formalidade do contexto, nas quais as situações de fala eram caracterizadas pelo planejamento prévio do conteúdo a ser apresentado na sala de aula ou em palestra, além de haver assimetria de papéis e contrarturno de fala. A autora complementa que poderia estar associado a esses aspectos o fato da falante, responsável pelas ocorrências em (1-4), conter um sotaque idioletal. Nessas ocorrências, a autora argumenta que a oração de tempo está funcionando como um adendo a uma oração de finalidade e que o falante que a produziu faz uso de orações de finalidade

⁴ No original: There is in fact good evidence that subordinate clauses are characterized by their failure to undergoe reduction... subordinate (adverbial) clauses mark subject, tense and mood on the verb whether this is identical with that of the main verb or not. (HAIMAN, 1985, p.216 *apud* BRAGA, 1999)

introduzidas por *para que*, *a fim de que*, locuções que requerem presente do subjuntivo. Das ocorrências:

(6)

presente do indicativo + futuro do subjuntivo

Inf: *Então quando o indivíduo, ou quando do aluno for capaz de inferir a partir daquela comunicação*, ele está já com o nível de extrapolação

(7)

pretérito perfeito indicativo + presente do indicativo

Inf: ... a, *quando ele usa a interpretação*, ele já preparou o, a, processo mental do aluno para uma extrapolação

(8)

futuro do presente composto + futuro do subjuntivo

Inf: Então vejam aqui, *quando estiver trabalhando em compreensão*, ele vai atuar sobre um comunicação

(9)

presente do subjuntivo + presente do indicativo

Inf: ..um acordo entre a classe patronal e a classe trabalhadora a fim de que se evite o chamado dissídio coletivo... *quando não há acordo entre padrões e empregados*

Por fim, Braga (1999) apresenta um último critério para a descrição das orações de tempo: a posição que a oração de tempo ocupa em relação à oração principal. A autora mostra que a ordem não marcada na fala é a anteposição da oração de tempo, sendo, para os dados da autora, correspondem a 72% dos casos.

A autora, tomando como base Bates e MacWhinney (1987), argumenta que, além de motivações estilística ou idioletais, o falante faz uso da ordem dos constituintes e das orações no intuito de expressar informações linguísticas específicas, que não seriam expressas apenas pelo uso de itens lexicais. Nas palavras dos autores:

unidades particularmente altas em valor de informação tendem a ser colocadas em pontos de alta prioridade, salientes ou 'privilegiados' em uma frase. ... uma vez que o início e o fim das unidades de enunciação são movidos salientes e perceptíveis em posições intermediárias, elementos altamente informativos tendem a ser colocados no início ou no fim, independentemente de sua ordem "natural" nos eventos do mundo real sendo descritos. (BATES; MACWHINNET, 1987, p.215 *apud* BRAGA, 1999)⁵

Essa proposta apresentada pelos autores, assim como indicado por Braga (1999), indica que as orações de tempo ocupam 'pontos salientes da sentença': início e fim. Desse modo, as orações de tempo sempre ocupam uma posição de privilégio, no que diz respeito à função discursiva.

Também, Thompson (1985) e Ford (1988), citados por Braga (1999), afirmam que as orações de tempo que são antepostas à oração núcleo “criam o pano de fundo, a orientação temporal para os eventos que serão referidos nas seguintes [na oração principal]”, além de “criarem molduras temporais, quadros de referência a partir dos quais se desenvolvem uma sequência tópica”. Por outro lado, quando as orações de tempo são pospostas à oração principal, “restringem a asserção codificada pela oração núcleo”. (BRAGA, 1999, p.453)

Neves (2000, p.787) afirma que as construções temporais são expressas por um período composto, constituído de uma oração nuclear e uma temporal. A autora destaca que as orações temporais podem ser estudadas segundo sua ordenação, que estaria a serviço de noções semântico-pragmáticas. Desse modo, essas orações poderiam ser antepostas (10), pospostas (11-12) ou intercaladas (13-14) em relação à oração núcleo:

(10) *E QUANDO se chega ao amor eu acho que a técnica não tem a menor importância.*

(11) *Sempre aproveito para dormir QUANDO me obrigado a fazer alguma coisa que não quero.*

⁵ No original: units particularly high in information value tend to be placed in high-priority, salient or 'privileged' points across a sentence. ... since the beginnings and ends of utterance units are more salient and perceivable than middle positions, highly informative elements will tend to be placed at the beginnings or ends regardless of their 'natural' order in the real-world events being described. (BATES; MACWHINNET, 1987, p.215 *apud* BRAGA, 1999)

(12) Segundo os órgãos de segurança, Paiva foi sequestrado no Alto da Boa Vista, *QUANDO era transportado num Wolswagem por oficiais do exército.*

Com relação a **oração de tempo**, intercalada à **oração Principal**, diz respeito, na verdade, a posposição de alguns elementos daquela a essa, como mostram os seguintes exemplos:

(13) *Vala QUANDO não se tapa cresce, sabe?*

(14) *Como somos todos carnavalescos gostamos de fingir, QUANDO nos encontramos, que o carnaval está na rua e está conosco.*

Neves (2000, p. 788-790) atesta o uso de diversas conjunções temporais, como *quando, enquanto, apenas, mal* etc, como nos exemplos abaixo:

(a.) ENQUANTO:

(15) *ENQUANTO vês os exércitos e os seus chefes, ENQUANTO contemplos as nações e os seus dominadores, ENQUANTO o teu pensamento abarca o entrebater das entidades coletivas e dos representantes, esqueces o indivíduo.*

(16) *Bira se apresentou ao comissário, ENQUANTO ela registrava a queixa na outra sala.*

(b.) APENAS:

(17) *APENAS Ricarda acabou de arrear o burro, surgiu na estrada um homem de calças arregaçadas, trazendo ao ombro um varal de peixe.*

(18) *Casara-se muito jovem, quase uma criança, APENAS completara quinze anos e o noivo dezoito.*

(c.) MAL:

(19) *E MAL Bentinho deu a volta na estrada os pensamentos chegaram para o apanheiro.*

(20) *A prova de fogo logo se apresentou, MAL assumiu suas funções, no despejo de uma favela.*

Neves (2000, p.790) explora ainda outro aspecto das orações temporais que são as correlações temporais mais frequentes nos seus dados, buscando associá-las a diferentes valores semânticos. Segundo a autora (NEVES, 2000, p.791), por exemplo, nas temporais com *quando*, a correlação de presente com presente licencia a indicação de habitualidade (21 e 22), enquanto a correlação de pretérito imperfeito com pretérito imperfeito favorece uma interpretação condicional (23 e 24):

(21) *QUANDO não há vítimas, a RP não atende*

(22) *Sempre demoro e sempre estou cansado QUANDO chego aqui.*

(23) *QUANDO nascia um filho, o sacerdote examinava o livro do destino.*

(24) *QUANDO voltava, ou eu ou a gravadora desanimava.*

Neves (2000, p.795) descreve ainda as relações expressas pelas orações temporais tendo em vista a relação temporal entre os estados de coisas envolvidos. Sendo assim, as temporais podem expressar simultaneidade e não simultaneidade. A autora adverte que a simultaneidade pode não prever concomitância absoluta. Nas palavras dela:

Em dependência do conectivo, bem como do tempo e do modo verbal empregados, a simultaneidade pode ser parcial, envolvendo extensões de tempo não coincidentes (precedentes ou subsequentes) associadas a zonas de intersecção (simultaneidade). (NEVES, 2000, p.795)

Desse modo, os esquemas apresentados pela autora para descrever o exemplo (25) evidenciam que as orações temporais expressam simultaneidade:

ORAÇÃO TEMPORAL		
(QUANDO)	(ele)	<i>estava servindo</i>
	<i>a renúncia pegou-o</i>	
ORAÇÃO PRINCIPAL		

(25) A renúncia pegou-o QUANDO estava servindo em Campo Grande: apoio à posse de Jango.

A não simultaneidade está associada à precedência do estado de coisas da oração principal em relação ao estado de coisas da oração temporal (NEVES, 2000, p.796), como em (26):

(26) Nando ainda lutava com o fim da carta QUANDO entrou Fontoura e mais os curumins serviçais do Posto, Cajabi e Pionim.

Neves (2000, p.797) destaca também que, nos seus dados, há uma sobreposição de valores temporais e valores causais, condicionais e concessivos, que estaria ligada ao uso da conjunção *quando*, de valor neutro, e às correlações modo-temporais. A relação temporal com sentido causal, por exemplo, apresenta construções que abrigam o traço télico, com valor aspectual perfectivo – as orações temporal e principal contêm o pretérito perfeito. Isso se dá pois o estado de coisas da oração de tempo é anteposto à principal, sendo entendido, portanto, como uma relação de causa-efeito.

Em (27), por exemplo, é possível fazer a leitura de que o motivo ou a causa da mudança da conversa seja o fato de que alguém tenha perguntado pelas dicas. Em (28), por sua vez, a oração temporal, introduzida por *quando*, constitui igualmente o motivo ou a causa do susto. Desse modo, vemos que as orações temporais podem conter valores causais subjacentes às noções temporais.

(27) **Mudou** de conversa QUANDO alguém **perguntou** pelas dicas

(28) Ontem, acho que foi ontem, eu **tive** um susto QUANDO vi em você um lábio... (apontando a sua própria boca) como esse meu.

Neves (2000, p.798) atesta que orações temporais introduzidas por *quando* podem conter sentido condicional, como (29-30), quando as orações temporal e

principal ocorrem com o presente ou o pretérito imperfeito, sendo que o estado de coisas de ambas as orações é simultâneo. Assim, o não perfectivo pode implicar iteração, isto é, a oração temporal iniciada por *QUANDO* indica a ideia de “todas as vezes”. Além disso, o sentido condicional pode favorecer a interpretação de habitualidade por meio da condição estabelecida na oração de tempo.

(29) Vamos mudar de assunto que o Fontour **se irrita** *QUANDO a gente fala nele*.

(30) Esta é a história de um soldado que **se sentia** em casa somente *QUANDO vadiava pelas cidades*.

Chafe (1984) propõe uma descrição das orações de tempo em inglês, centrando o seu trabalho especificamente nas construções “adverbiais”. O autor classifica dentro da categoria de orações adverbiais aquelas que podem expressar valores de tempo, condição, causa, concessão, modo, propósito ou resultado. Para a descrição desse complexo, a autora apresenta inicialmente um quadro no qual quantifica o emprego das orações de tempo, no *cópus* analisado, constituído por conversa *dinnertable* (marcada no quadro por “S”, para fala (*spoken*)) e por escrita acadêmica (“W” para escrita (*writing*)), discriminando se as ocorrências tratam de anteposição ou de posposição. Segue-se o quadro a seguir:

Quadro 1 – Quantificação do emprego de orações de tempo antepostas e posposta em *cópus* língua escrita e de língua oral

	Anteposta	Posposta
Mesma unidade entonacional	A S: 2 W: 1	B S: 27 W: 37
Sem unidade entonacional	C S: 40 W: 39	D S: 31 W: 23

Fonte: extraído e traduzido de Chafe (1984, p.439)

No quadro em (1) apresentado pelo autor, temos o resultado de suas análises em porcentagens, sendo que os valores estão distribuídos com base em suas características. Para as orações adverbiais presentes na conversação oral, 2% são antepostas e são expressas dentro da mesma unidade entonacional que a da oração principal – chamadas pelo autor de *bound*, 27% são pospostas e também estão dentro de uma mesma unidade entonacional (*bound*). Para as orações adverbiais próprias da escrita acadêmica, 1% tratam-se de orações antepostas e *bound*, 37% são pospostas e *bound*. Respectivamente estão incluídas nas caixas A e B.

No texto apresentado pelo autor, temos uma análise funcional para o uso das orações de tempo anteposta e posposta, bem como faz uma segunda divisão na qual diferencia as orações de tempo *bound* (mesma unidade entonacional) e *free* (sem unidade entonacional) com a oração principal. Chafe descreve como *bound adverbial clause*, a oração na qual não é separada por um quebra prosódica em relação à oração principal. Já *free adverbial clause* diz respeito às orações temporal e principal estarem dentro da mesma unidade entonacional.

A discussão que o autor levanta sobre os tipos de orações adverbiais, apresentamos a seguir exemplos de orações adverbiais antepostas que expressam, respectivamente, o valor de causa, de condicional, de orientação temporal (que é o tema de nossa investigação), em relação à oração principal. Segundo o autor, esses exemplos são encontrados tanto na fala quanto na escrita.

Oração causal:

(31) *Como a diferença no uso é reconhecida como uma diferença, é claro que o termo foi convencionalizado como um nome próprio.*⁶

Oração condicional:

(32) *Se abordarmos o tópico do desenvolvimento cognitivo de um ponto de vista teórico, seremos imediatamente confrontados com a questão de qual teoria ou teorias considerar.*⁷

⁶ Because the difference in usage is recognized as a difference, it is clear that the term has become conventionalized as a proper name.

⁷ If we approach the topic of cognitive development from a theoretical point of view, we are immediately confronted with the question of which theory, or theories, to consider.

Oração temporal:

(33) *Quando as novas informações são inconsistentes, a decisão é aceitá-las ou rejeitá-las.*⁸

No confronto dos dados Chafe (1984), para o inglês, e Braga (1999) e Souza (1996), para o português, podemos observar que, no inglês, há uma indicação de maior uso de orações temporais pospostas. Analisando, portanto, esses dados, Chafe (1984) afirma que as orações adverbiais pospostas modificam apenas uma parte do que é declarado na oração principal, e não tudo o que está na oração. O autor afirma que, nesses casos, o que é modificado é comumente localizado no final da oração principal. Isso significa dizer que o falante ou o escritor “não poderiam ter declarado a ideia adverbial antes da oração principal ter sido declarada, uma vez que uma oração adverbial anteposta teria, inadequadamente, fornecido um guia para tudo o que se seguiu”. O autor também nos afirma que ao expressar determinada informação, é possível que “parte do conteúdo modificado da oração principal não tenha sido nem mesmo claramente articulado na mente do falante até que a oração principal fosse completada”. Analisamos essas discussões feitas pelo autor como uma característica própria da modalidade falada da língua, a qual permite essas correções, (re)considerações, essa (re)construção do discurso sobre informações ditas anteriormente. Isso vai ao encontro de Souza (1996), que, no estudo das orações de tempo na modalidade escrita do português, chega à conclusão de que a ordem não marcada das orações de tempo nessa modalidade é a posposição, tendo em vista que, dada a não espontaneidade da modalidade escrita, isso permite ao escritor pensar, com tempo, e adicionar informações adverbiais para especificar o conteúdo expresso na oração principal.

Chafe (1984), para concluir a análise de seus dados, o autor nos mostra que quando duas orações são expressas dentro da mesma unidade entonacional ou unidade de pontuação, como os casos dos tipos A e B, a oração adverbial é a que comumente será responsável por expressar a informação não familiar, sendo expressa no final da unidade de entonação ou de pontuação.

⁸ No original: When the new information is inconsistent, the judgment is whether to accept or reject it.

Para as orações adverbiais antepostas, o autor afirma que têm como função orientar temporalmente, condicionalmente, causativamente, entre outros, o ouvinte ou o leitor sobre a informação que será apresentada na oração principal em sequência. Por fim, para as orações adverbiais pospostas, elas têm uma função bastante diferente e, segundo o autor, apresentam uma natureza semelhante às orações coordenadas que comentam sobre um tempo, uma condição, uma causa, entre outras, relevantes para a oração principal. O autor também afirma que as orações adverbiais ocorrem como reflexões posteriores separadas por entonação, ou pontuação, além de frequentemente modificarem apenas a última parte da cláusula principal, e não a cláusula inteira.

Para analisar as orações de tempo nas línguas orais, descrevemos, nessa seção, aspectos morfossintáticos das orações de tempo nas línguas orais tomando como base Braga (1999), Neves (2011), Souza (1996) para o português, e Chafe (1984), para o inglês. Na próxima seção, trataremos uma discussão sobre as orações de tempo nas línguas de sinais. Ressaltamos o fato de que as questões relacionadas às conjunções de tempo, ao tempo verbal, à Correlação modo-temporal não se aplicam às línguas de sinais, uma vez que essas línguas não apresentam morfologia verbal tal como as línguas orais. Desse modo, o que a literatura clássica nos oferece e que pode ser explorado em nossas análises diz respeito, sobretudo, aos aspectos semânticos e pragmáticos.

Dada a grande variedade de trabalhos que versam sobre esse tema, apresentamos, nesta subseção, um resumo das propriedades das orações de tempo nas línguas orais. Veremos, na próxima subseção, que existem muitos critérios para a identificação dessas orações que parecem não se aplicar necessariamente ao estudo das orações de tempo nas língua de sinais, que, por seu turno, ainda carecem de estudo mais aprofundado como já realizado para as línguas orais.

2.1.2. As orações de tempo em línguas sinalizadas

Na subseção anterior, discutimos o tratamento das orações de tempo nas línguas orais, como no português e no inglês. No que diz respeito ao estudo das orações de tempo em línguas de sinais, encontramos o trabalho de Pfau (2016) que

apresenta muito brevemente uma análise dessas orações em línguas de sinais da Europa.

O próprio autor (PFAU, 2016, p.154) destaca que não há muitas pesquisas sobre orações de tempo nas línguas de sinais do mundo. O autor se propõe a discutir alguns casos de orações temporais na Língua de Sinais Alemã (DGS) e na Língua de Sinais Flamengo (VGT), ressaltando a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Pfau (2016, p.154) atesta que, na VGT, usa-se o marcador aspectual glosado como DONE (em português, “pronto”, “acabado”) para indicar que o evento da oração temporal ocorreu antes do evento da oração principal, como em (34a). O autor salienta que, adicionalmente, a oração temporal é marcada não manualmente por levantamento de sobrancelhas (re), que acompanha toda a realização da oração temporal. Além disso, o autor observa que há uma pequena pausa entre as orações temporais e principais e, opcionalmente, o sinal THEN (no português, “então”) pode ocorrer na oração principal.

_____ (re)
 (34a) [index2 eat done], (then) we-two shop.
 ‘When you’re done eating, we (the two of us) will go shopping.’
 “Quando a gente terminar de comer, nós vamos ao shopping”.

Pfau (2016) trata também da questão da ordenação das orações temporais e mostra, como (34a), que as temporais em VGT são sempre antepostas. Sentenças como (34b), segundo o autor, são agramaticais.

_____ (re)
 (34b) *we-two shop, [index2 eat done].
 ‘We (the two of us) will go shopping, when you’re done eating.’

Pfau (2016, p.155) apresenta exemplos de orações temporais na DGS para ilustrar que, nessa língua, quando o evento da temporal ocorre antes do evento da principal, a temporal vem em posição inicial, anteposta, e é marcada igualmente pelo levantamento da sobrancelha, como em (35a). Na DGS, observa-se também o uso da

conjunção temporal BEFORE (em português, “antes”), que pode vir no início da oração principal, como em (35a), ou no fim da sentença temporal, como em (35b):

- _____ (re)
 (35a) [index3 study begin], before index3 world^trip go.
 ‘Before he begins with his studies, he will go on a world trip.’
 “Antes de começar os estudos, ele vai fazer uma viagem pelo mundo.”

- _____ (re)
 (35b) [index3 study begin before], index3 world^trip go.
 ‘Before he begins with his studies, he will go on a world trip.’

Podemos ver também que na DGS, as orações temporais também antecedem a oração principal, porém o autor não confirma se a inversão dessas orações pode levar à sua agramaticalidade.

No que diz respeito ao caso das orações temporais que expressam simultaneidade, Pfau (2016, p.155) mostra dois casos de temporais na DGS em que dois eventos pontuais são temporalmente coincidentes (36) e em que dois eventos durativos são simultâneos (37):

- _____ (re)
 (36). [person ring], dog always be-scared.
 ‘When someone rings [the bell], the dog is always scared.’
 “Quando alguém toca a campainha, o cachorro sempre se assusta.”

- _____ (re) _____ (aff)
 (37). [index2 (now) wait], picture develop.
 ‘The pictures are developed, while you wait.’
 “As pinturas são feitas enquanto você está esperando.”

Pfau (2016) alerta que em muitos casos é difícil fazer uma distinção entre a oração principal e a oração subordinada, principalmente quando os eventos são simultâneos. O autor sustenta que essa distinção pode ser feita com base nos marcadores não manuais (MNM). Nesse caso, a oração temporal, que é subordinada à principal, sempre é acompanhada pelo levantamento das sobrancelhas (re), sendo que a principal pode estar acompanhada também de um MNM: o aceno de cabeça (aff).

Das análises apresentadas por Pfau (2016), em específico sobre o uso dos MNM para identificar a oração temporal em relação à principal, o autor nos traz uma análise dos MNM como uma propriedade morfossintática das orações de tempo na VGT e DGS que deverá ser testada nos dados de libras, na seção de Análise.

Na libras não temos trabalhos que versam especificamente sobre orações de tempo e sua correlação temporal com uma oração principal. Muitos trabalhos se debruçam no estudo da marcação de tempo, em específico, a marcador de *tense*, que tem sido analisada em diferentes línguas sinalizadas ao redor do mundo. Podemos citar uma grande literatura que trata sobre esse tema. A seguir, apresentamos um levantamento bibliográfico feito por Lourenço e por Figueiredo (2020) que relaciona autores que investigam marcação de tempo em diversas línguas de sinais. São elas: Língua de Sinais Americana – ASL (AARONS *et al.*, 1995; FRIEDMAN, 1975; JACOBOWITZ; STOKOE, 1988; NEIDLE *et al.*, 2000; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006); Língua de Sinais Italiana – LIS (ZUCCHI, 2009); Língua de Sinais Irlandesa – LSI (LEESON, 1996); Língua de Sinais Turquesa – TID (GÖKGÖZ, 2009; KARABÜKLÜ, 2016; 2018; ZESHAN, 2003); Língua de Sinais Mexicana – LSM (FRIDMAN-MINTZ, 2005); Línguas de Sinais Sueca – SSL (BERGMAN; DAHL, 1994); Língua de Sinais Britânica – BSL (SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999); Língua de Sinais Indiana – ISL (MEIR, 1999), e também a Língua Brasileira de Sinais – Libras (FINAU, 2004; SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016; BERTUCCI; FINAU, 2018).

Para a nossa pesquisa, esses trabalhos contribuem para a discussão de algumas ocorrências sobre a análise do momento de referência marcado lexicalmente na localização temporal de eventos.

Por outro lado, temos o trabalho da Moreira (2016) que faz um estudo sobre a descrição do tempo em libras sobre uma abordagem semiótica (GREIMAS; CORTÉS, 2012). A autora tem como foco central em sua pesquisa a descrição da temporalização em libras, por meio da identificação de mecanismos de enunciação que servem para localização temporal de determinado evento, como, por exemplo, o uso de itens lexicais dicionarizados que tem função de advérbio, tais como HOJE, ONTEM, AMANHÃ, além do uso de gestos não manuais, tais como movimento do tronco, localização das mãos e direção do olhar do sinalizador. Apesar de Moreira ter como foco o estudo da instauração e organização do sistema temporal em libras e a análise da marcador de momento de referência (MF), a autora traz em sua análise dados,

mesmo não sendo o seu objetivo, ocorrências de orações complexas, inclusive dados de orações de tempo, sem levantar uma discussão sobre o funcionamento da correlação temporal entre estados de coisas dependente e principal, como o exemplo da figura 1.

Figura 1 – Trecho do texto “Imaginação”, sinalizado por Neiva

		
MULHER	CHEGAR	CASA
		
VER	MARIDO	SENTAR
		
sentado no sofá	TELEVISÃO	FUTEBOL

Fonte: Moreira (2016, p.86).

Na ocorrência apresentada pela autora, ela focaliza a sua análise nas marcadores não manuais (MNM) utilizadas pela informante surda na sentença que produz. Moreira destaca o uso do movimento do corpo que indica a incorporação dos participantes para cada evento da sentença: ao sinalizar MULHER, a informante apresenta um postura do tronco neutra. No entanto, quando ela representa o marido na sinalização, a sua postura muda, fica mais relaxada, os sinais ficam mais distanciados do corpo, como uma forma de imitar a pessoa sentada no sofá. A autora também nos discrimina a direção do olhar e as expressões da informante, que também

se alteram durante a representação de cada um dos personagens. Nessa ocorrência, a autora não identificou um uso específico das mãos para fazer uma localização temporal. Para Moreira (2016), portanto, em seus dados, existem 3 principais marcações não manuais que especificam a marcação temporal, de acordo com a intenção comunicativa do falante. São elas:

- (a) Movimento do tronco
- (b) Direção do olhar
- (c) Localização das mãos

Apesar da autora não mencionar em seu texto a análise de orações de tempo e sua correlação com uma oração principal, a ocorrência apresentada pela autora nos sugere ser uma oração complexa, em que as orações temporal e principal estão correlacionadas temporalmente, mesmo não tendo acesso à ocorrência na íntegra, por meio de um vídeo. Nessa ocorrência, notamos a presença de um estado de coisas dependente – MULHER CHEGAR CASA, e um estado de coisas principal – VER MARIDO SENTAR SOFÁ TELEVISÃO FUTEBOL. A análise da autora torna a nossa investigação mais interessante, uma vez que ela demonstra a existências de diversas marcações manuais e não manuais que podem estar associadas com o desenvolvimento interno de cada estado de coisas e que favorece a interpretação e a correlação temporal entre os eventos de ambas as orações.

A terminologia referente ao fenômeno de estudo, como, por exemplo, *estado de coisas* será explicado na subseção a seguir, detalhadamente. O entendimento da nomenclatura usada para manejar o nosso objeto é muito importante para o tratamento que estamos dando, uma vez que a análise é feita sob uma perspectiva que dá ênfase aos seus aspecto semânticos e que não pressupõe propriedades morfossintáticas próprias de línguas orais.

2.2 Questão terminológica referente ao fenômeno de estudo

O complexo oracional com o qual estamos trabalhando é composto pela correlação temporal entre dois estados de coisas, um dependente, veiculado pela oração de tempo, e outro principal, veiculado pela oração principal. O vínculo entre essas orações se caracteriza pelo entrelaçamento semântico e pela relação de interdependência. Esse entrelaçamento semântico diz respeito ao fato de que o estado de coisas da oração principal ocorre em perspectiva do estado de coisas dependente, da oração de tempo, que fornece informações para a interpretação temporal da sentença. A oração principal é a responsável por conter a informação asseverada. Além disso, ela também se caracteriza pela possibilidade de ocorrer, em determinado contexto, de modo independente, isolada - sem a necessidade de estar acompanhada por outra oração. A oração de tempo, por sua vez, contém a informação não assevera, e, por sua natureza semântica, não pode ser expressa sozinha, sendo o seu estado de coisas subordinado, dependente de um estado de coisas principal.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é estudar as orações de tempo na libras, precisamos, inicialmente, pontuar algumas questões teóricas que perpassam a nossa análise. Dentre essas questões, ressaltamos a que diz respeito à nomenclatura utilizada para descrever as orações complexas. Como vimos nas subseções iniciais, os termos utilizados na literatura linguística foram cunhados para dar conta de dados das línguas orais. Todavia, ao empreender uma análise de dados de línguas de sinais, nos deparamos com uma dificuldade de acomodá-los nessa terminologia sem problematizações. Desse modo, nos propomos a discutir essa questão dentro desta subseção, pois compreendemos que uma nomeação sensível às especificidades das línguas de sinais indica uma preocupação em poder analisar e representar melhor nossos dados.

Na literatura linguística, o uso dos termos “orações temporais”, “orações adverbiais”, “oração Principal” e “oração subordinada”, entre outros, carregam um tipo de conhecimento que leva em conta suas propriedades tal como se comportam nas línguas orais. Embora possamos usar os termos Oração Principal e Oração Temporal, assim como faz Pfau (2016), nossos dados requerem que, pelo menos, atentemo-nos à dificuldade de encontrar um pareamento entre os comportamento das orações complexas nas línguas orais e nas línguas de sinais.

Como destaca Crasborn (2007, p.104), um dos grandes desafios para a transcrição e a segmentação de dados de línguas de sinais é especificar os limites de uma sentença. A identificação de sentenças nas línguas orais toma como perspectiva dados de escrita, algo que não está disponível para as línguas de sinais, como podemos depreender. Assim, como bem pontua o autor, em nossa Análise, nos vimos, em muitos momentos, buscando, inadvertidamente, correspondências entre orações temporais em português.

Nesse sentido, gostaríamos de salientar que a própria adoção dos termos oração principal ou nuclear e oração subordinada, se levarmos em consideração sua definição e as propriedades atribuídas ao predicado verbal, parece descrever um tipo de estrutura que não pode ser encontrada nas línguas de sinais.

Como descrito na literatura tradicional, a oração subordinada se liga a uma oração principal, com a qual estabelece uma relação de dependência sintática. Essa dependência está representada na distinção entre os tipos de predicados desses dois tipos de orações. A oração principal é considerada assim pois pode funcionar com uma sentença simples, com verbo na forma finita. A oração subordinada, por sua vez, é assim considerada pois não pode funcionar como uma sentença simples e pode apresentar o verbo na forma não finita (a não finitude verbal é indicativa, nas línguas orais, de subordinação).

Nas línguas orais, usa-se os termos *principal* e *subordinada* para dois tipos de orações que apresentam comportamentos morfossintáticos específicos e distintos entre si. No quadro a seguir, elencamos, com base em Cunha e Cintra (2009) e em Mateus *et al.* (1989), as principais características relacionadas a essas orações – principal e subordinada.

Quadro 2 – Características das orações principal e subordinada

Oração Principal	Oração Subordinada
Verbo na forma finita	Pode receber o verbo na forma não finita
Não é introduzido por conjunção	Pode ser introduzido por conjunção
Autonomia e independência oracional	Sem autonomia – há dependência em relação a uma oração subordinante.
Tem sentido oracional próprio	Tem dependência interpretativa de outra oração – não apresentaria sentido coerente caso ocorresse sozinha
Não desempenha função sintática	Desempenha uma função sintática em relação à oração principal

Fonte: Cunha e Cintra (2009); Mateus *et al.* (1989).

Neves (2011), no estudo do português, pontua que diferentes correlações modo-temporais envolvendo as orações nuclear e temporal são responsáveis por diferentes valores semânticos.

As orações de tempo são tradicionalmente estudadas nas línguas orais tendo em vista a segmentação entre oração principal e oração subordinada, a identificação de conjunções temporais e a interpretação de sua correlação modo-temporal. Estamos denominando oração temporal e oração principal por conta dos seguintes motivos, conforme o quadro em (3):

Quadro 3 – Diferenciação entre as orações principal e temporal

Oração Principal (OP)	Oração de Tempo (OT)
Contém a informação asseverada	Contém a informação não asseverada
Contém o estado de coisas principal	Contém o estado de coisas dependente
É expressa em perspectiva da OT	Promove a perspectiva temporal na qual o evento da OP se desenvolve
Contém o momento do evento (ME)	Contém o momento de referência (MR) ⁹
É o <i>foreground</i> da sentença	É o <i>background</i> da sentença
Fornece informação sobre o evento principal	Fornece informações que orientam temporalmente a sentença

Fonte: própria

Dito isso, é necessário que, ao usar essa mesma terminologia para descrever dados de línguas de sinais, tenhamos o cuidado de encontrar, nesses mesmos dados, propriedades que possam justificar nossa análise.

Nesse sentido, buscamos empregar uma terminologia que possa dar conta dos nossos dados e, paralelamente, conseguir fazer um cotejo entre as principais análises das orações temporais e as nossas análises.

O próprio termo *oração/sentença* pressupõe uma série de propriedades morfossintáticas, como, por exemplo, a presença de um núcleo verbal. Como será mostrado na seção de Análise, muitos de nossos dados, no entanto, não apresentam núcleo verbal explícito, antes é composto apenas pelo referente sujeito e seu predicado nominal, sem a presença de um verbo copulativo.

Ressaltamos a importância do uso de um termo próprio da semântica, como **estado de coisas**, principal e dependente, para tratar de nossos dados da libras, uma vez que, desse modo, não damos margem para pressuposições de como esses valores semânticos e sua correlação temporal são expressos morfossintaticamente. É

⁹ Reichenbach (1980, p.320) estabelece uma tripartição e associa falante, evento e enunciação, abrangendo não só o tempo cronológico e gramatical, mas também o tempo psicológico. Ilari (1981) e Corôa (1985), estudando o tempo nos verbos do português, retomam Reichenbach e apoiam suas pesquisas nos três planos de relação temporais. Esses planos foram retomados por Corôa (1985, pg.82): (i) momento de evento (ME) – “é o tempo em que se dá o evento (processo ou ação) descrito; o tempo da predicação” (CORÔA, 1985, p. 42) momento de “realização do predicado”, (ILARI, 1981, p.181); (ii) momento da fala (MF) – “é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação do evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação” (CORÔA, 1985); (iii) momento da referência (MR) – “é o tempo da referência, o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME”.

claro que uma análise semântica nos leva, como consequência, a uma análise morfossintática, que, diga-se de passagem, é muito rica e composta por uma diversidade muito grande de mecanismos morfossintáticos. Por outro lado, o uso do termo oração pressupõe necessariamente referência a um estado de coisas.

Quando utilizamos o termo **estado de coisas**, estamos nos referindo a uma série de traços semânticos que são exclusivos a determinada expressão linguística. É por meio desses traços semânticos que podemos diferenciar os valores temporais, de cada ocorrência, e que podemos determinar a sua especificidade, o seu caráter temporal no desenvolvimento interno do estado de coisas, sobretudo quando um estado de coisas ocorre em perspectiva de outro. Para Dik (1989), estado de coisas diz respeito à conceitualização resultante da relação entre o predicado e os termos de uma oração, além de se relacionar à concepção de algo que pode existir no mundo, isto é, a representação linguística da "realidade" e sua localização no tempo e no espaço. Esse conceito é analisado por meio de parâmetros semânticos e por meio de uma Tipologia de Estados de Coisas, composta por quatro principais traços, divididos em dois grupos. São eles:

(a) Dinamismo (traços: [+ dinâmico]; [- dinâmico]):

(a.a) Se o estado de coisas apresentar o traço [- dinâmico], isso quer dizer que nele não envolvem nenhuma mudança, isto é, as entidades envolvidas são apresentadas como sendo ou permanecendo as mesmas em todos os pontos dos intervalos de tempo durante o qual o estado de coisas se realiza. Como em:

(38) João está sentado na cadeira do pai dele.¹⁰

(a.b) Se o estado de coisas apresentar o traço [+ dinâmico], isso quer dizer que necessariamente envolve algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno que pode consistir de um padrão recorrente de mudanças durante toda a sua realização, ou uma mudança a partir de algum estado de coisas inicial para um estado de coisas final diferente. Como em:

¹⁰ No original: John was sitting in his father's chair.

(39) A janela estava batendo.

(40) João adormeceu.¹¹

(b) Controle (traços: [+ controle]; [- controle]):

(b.a) Se o estado de coisas apresentar o traço [+ controle], isso diz respeito ao fato de que o primeiro argumento do predicado (A^1 , sujeito) tem o poder de determinar se o estado de coisas será ou não realizado. Como em:

(41) João abriu a porta.¹²

(42) Maria está sentada no pátio.

(b.b) Se o estado de coisas apresentar o traço [- controle], isso se refere ao fato de que o primeiro argumento do predicado não tem nenhum poder sobre a realização do estado de coisas. Como nos exemplos:

(43) A árvore caiu.¹³

(44) A caneta está sobre o chão.

Apresentamos, então, no quadro abaixo a Tipologia de Estados de Coisas e a diferenciação de suas características pelos seus traços semânticos.

Quadro 4 – Tipologia de Estados de Coisas

Estado de Coisas			
[- dinâmico]		[+ dinâmico]	
Situação		Evento	
[+ controle]	[- controle]	[+ controle]	[- controle]
Posição	Estado	Ação	Processo

Fonte: própria

¹¹ No original: John fall asleep.

¹² No original: John opened the door.

¹³ No original: The tree fall down.

Iremos apresentar, para cada um desses tipos de estado de coisas (EsCo), um exemplo, como está a seguir.

(45) Eu fiquei em casa no feriado.

EsCo [- dinâmico, + controle]: Posição

(46) A loja fica na esquina.

EsCo [- dinâmico, +controle]: Estado

(47) Ontem, fui à livraria.

EsCo [+ dinâmico, + controle]: Ação

(48) Quebrei o pé!

EsCo [+ dinâmico, - controle]: Processo

Para o nosso trabalho, essa análise é importante tendo em vista duas questões: (a) uma análise puramente estrutural anularia as noções semânticas inerentes às sentenças, o que descaracterizaria a nossa investigação, além do fato de que perderíamos informações muito importantes para análise de nossos ocorrências; (b) analisar os nossos dados a partir de um nível de análise mais alto, como é a semântica, em relação ao nível morfossintático, nos permite uma compreensão melhor do funcionamento da correlação temporal dos dois estados de coisas, o dependente e o principal. A interpretação temporal da sentença está sujeita, sobretudo, aos traços semânticos da oração temporal, que fornece as informações temporais nas quais o estado de coisas da oração principal ocorre.

Com relação ao desenvolvimento temporal interno de um estado de coisas, existe uma grande quantidade de traços semânticos que podem ser apreendidos e expressos linguisticamente. Além dos traços mostrados anteriormente, existem traços semânticos temporais que se referem ao desenvolvimento interno do estado de coisas. Esses traços estão relacionados a eventos que apresentam dinamismo. São eles: os traços [+ durativo], [+ contínuo] e [+ cursivo], além dos traços [-acabado], [- limitado].

Por fim, para os eventos que não apresentam dinamismo, isto é, que não envolvem qualquer mudança interna, eles se caracterizam pelos traços [+ acabado], [+ limitado] e [- durativo], [- contínuo], [- cursivo], sendo que esse tipo de evento pode ser tanto o estado inicial de um evento (estágio inicial de desenvolvimento de um

evento), quanto o próprio estado final desse evento (estágio final de desenvolvimento). Um estado de coisas, que se caracteriza pelo traço [- limitado], diz respeito ao fato de não ser possível determinar os seus limites temporais, por não serem informados na sentença. No quadro abaixo apresentamos uma relação de alguns traços semânticos temporais que podem ser identificados num estado de coisas.

Quadro 5 – Traços semânticos temporais do desenvolvimento interno de estados de coisas

Traços semânticos:				
[+/- durativo]	[+/- contínuo]	[+/- cursivo]	[+/- acabado]	[+/- limitado]

Fonte: Travaglia (1985); Souza (1996).

Essa análise semântica e o detalhamento sobre cada traço tem como objetivo compreender a correlação temporal entre os dois estados de coisas dependente e principal. Essa classificação aspectual é feita com base em Travaglia (1985 *apud* SOUZA, 1996).

2.3 Relações adverbiais e a abordagem tipológico-funcional

Cristofaro (2003, p.1-2) propõe uma análise tipológica da subordinação e defende que critérios morfossintáticos têm uma aplicação limitada translinguisticamente, já que nem todas as línguas apresentam as mesmas estruturas morfossintáticas. Rodrigues (2018) pontua que, “ainda que não seja o objetivo da autora, podemos ampliar suas discussões para o campo da transmodalidade, uma vez que as línguas de sinais restam isoladas dessa discussão”.

Cristofaro (2003) se propõe a tratar a subordinação de uma maneira abrangente, sustentando que se trata de “um modo particular de construir uma relação cognitiva entre dois eventos de modo que um deles, chamado de evento dependente, não possui um perfil autônomo, e é construído na perspectiva do outro

evento (chamado evento principal)” (CRISTOFARO, 2003 *apud* RODRIGUES, 2018).

A autora adota a noção de *profiling* ou *focalização* de Langacker (1991) para mostrar que “diferenças na focalização correspondem a diferenças na proeminência de subestruturas dentro de um *frame* semântico, que reflete mudança em nossa distribuição de atenção” (CRISTOFARO, 2003 *apud* RODRIGUES, 2018). Na sentença em (49), por exemplo, temos uma oração temporal em que o evento focalizado é o evento de *ir dormir* e não o evento de *beber vinho*.

(49) After she drank the wine, she went to sleep.

“Depois de beber vinho, ela foi dormir.” (LANGACKER, 1991, p. 435–7)

Como defende Rodrigues (2018), “a noção de *profiling* incorporada por Cristofaro (2003) é inspiradora no que diz respeito à distinção da cláusula subordinada e da principal na subordinação e parece ter aplicabilidade nas línguas de sinais”.

Cristofaro, no entanto, ainda considera outros dois parâmetros para a codificação da subordinação: forma verbal e codificação do participante (CRISTOFARO, 2003, p.51).

O primeiro parâmetro prevê que verbos que codificam eventos dependentes devem apresentar uma estrutura diferente em relação à forma usada em sentenças declarativas. Essas diferenças correspondem a tempo, modo, aspecto e pessoa. O parâmetro *codificação dos participantes* diz respeito ao fato de o participante de um evento dependente é ou não expresso como em sentenças declarativas.

Rodrigues (2018) alerta, nesse sentido, que mesmo na proposta funcional de Cristofaro, o peso de critérios morfossintáticos, que têm pouca aplicabilidade na análise de línguas de sinais, estão presentes e, desse modo, propõe que “é fundamental uma discussão mais ampla acerca da proposição de critérios tipológicos para a identificação da subordinação”.

Nos deparamos, assim, com a necessidade de recorrer a critérios que minimizem, sobretudo, o efeito dos critérios morfossintáticos, para que seja possível

categorizar coordenação e subordinação (CRISTOFARO, 2003). Apesar de sua pesquisa não ter como foco as línguas de sinais, a autora compartilha também da mesma problemática com que nos deparamos, como será visto na seção de Análise, nomeando-a de *The Mismatch Problem* (O Problema da Incompatibilidade):

O Problema de Incompatibilidade se origina do fato de que, [trans]linguisticamente, as mesmas relações semânticas e/ou pragmáticas não são codificadas pelos mesmos tipos de construção. Portanto, se alguém definir subordinação com base em algum parâmetro formal, como encaixamento, pode haver línguas que não tenham orações subordinadas ou, pelo menos, não as use para todas as funções semânticas e pragmáticas associadas à subordinação em outras línguas. [...] Por exemplo, estruturas incorporadas, morfossintaticamente reduzidas, são usadas em vários idiomas para transmitir o mesmo significado que outros idiomas codificam por meio de estruturas coordenadas [...] De fato, se uma estrutura semelhante a uma coordenada também pode ser usada na língua para transmitir o mesmo significado, as duas são frequentemente consideradas perfeitamente equivalentes (HAIMAN, 1985, pg.200 *apud* CRISTOFARO, 2003).

Deparando-se com a mesma questão, Croft (2001) lança mão de um critério sintático, validado translínguisticamente, que pode ser usado para diferenciar coordenação e subordinação. O autor nos traz, baseando-se em Haiman (1983, pg.120), o critério *Tense-Iconic* (Iconicidade Temporal), que diz respeito ao fato de que inversão da ordem das orações, em uma coordenação, pode provocar o surgimento de um novo valor semântico-pragmático, em relação a primeira ordem. Com relação à coordenação, o autor nos traz os seguintes exemplos:

(50) Cindy saiu e Jim foi promovido. (independência de eventos)

(51) Jim foi promovido e Cindy foi embora. (causa-consequência)

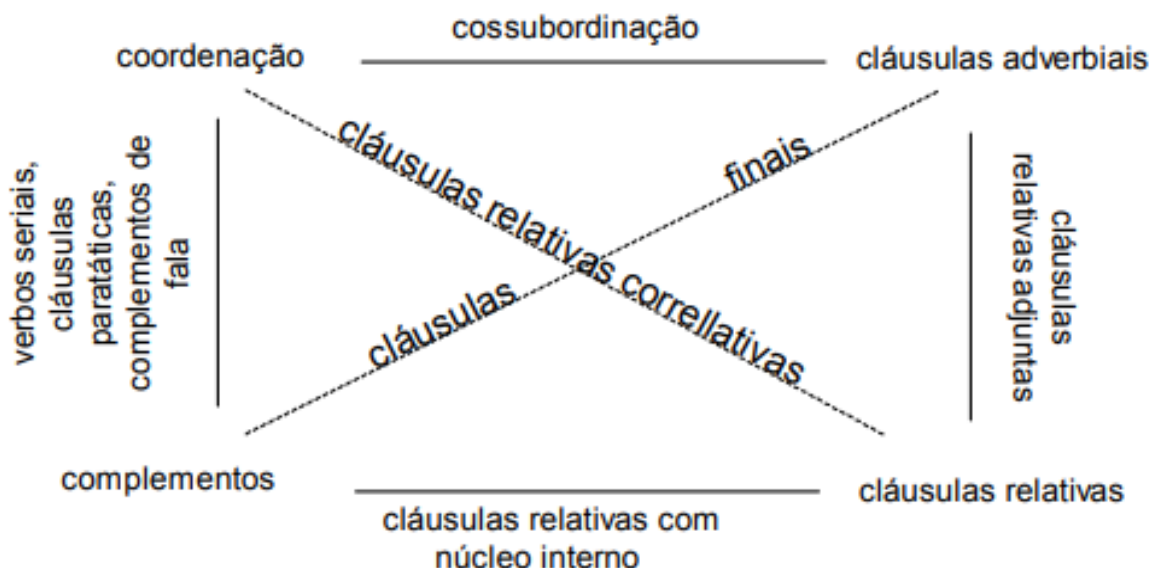
Por outro lado, ao fazer uso de uma oração subordinada, a inversão da ordem não provoca uma alteração de sentido significativa, assim como afirma o autor, como nos exemplos a seguir:

(52) Cindy saiu porque Jim foi promovido.

(53) Porque Jim foi promovido, Cindy saiu.

Cristofaro (2003) e Croft (2001) propõem um *continuum* que dispõe contiguamente, em sua extensão, estruturas complexas que compartilham entre si características morfossintáticas semelhantes. Croft (2001, p.322), o *continuum* de sentenças complexas pode ser esquematizado de acordo com o quadro a seguir. Nele, o autor esquematiza um espaço conceptual que dispõe essas estruturas complexas.

Quadro 6 – Continuum dos tipos de sentenças complexas



Fonte: Croft (2001, p.322).

Vemos, nesse quadro, que coordenação e orações adverbiais estão postas contiguamente, ao longo da linha horizontal cossubordinação. Essas estruturas linguísticas se assemelham pelo fato de que, numa perspectiva translinguística, as orações podem ser expressas justapostas ou com a presença de um conector. Elas se diferenciam por: (a) caso se trate de coordenação, ambos os estados de coisas das orações seriam independentes; (b) caso se trate de orações adverbiais, haveria uma oração com estados de coisas dependente e outra oração com estado de coisas

independente. Assim, o uso dessas estruturas se diferencia pelo seu valor semântico-pragmático, apesar de compartilharem características morfossintáticas.

Essa sistematização feita pelo autor sobre o *continuum* das orações coordenadas e subordinadas é muito importante para a análise de nossos dados, uma vez que esse é um aspecto inerente às ocorrências, tendo em vista que a maioria delas representam casos de justaposição e compartilham as mesmas estruturas morfossintáticas de coordenação. A adoção, portanto, dos critérios propostos por Cristofaro (2003) e Croft (2001) podem favorecer a distinção entre casos de coordenação e subordinação. Essa será uma dificuldade com que iremos nos deparar na seção de Análise dos Dados devido à problemática de se distinguir se determinada ocorrência trata-se de coordenação ou de subordinação. Esse problema se apresenta muito complexo pois se articula, inclusive, com um problema de tradução, uma área muito sensível. Somos levados também a elaborar minuciosamente os nossos critérios.

Segundo Cristofaro (2003, p.155), o estudo das relações adverbiais se constitui pela relação de dois estados de coisas, sendo um estado de coisas dependente, que corresponde às circunstâncias sobre as quais ocorre o estado de coisas principal. Dentre as relações adverbiais existentes, a autora nos elenca quatro, quais sejam: (a) Relações de Propósito, em que o estado de coisas dependente representa o objetivo do estado de coisas principal, independente (54); (b) Relações Temporais, em que é apresentado a configuração temporal para o estado de coisa principal (55); (c) Relações Condicionais e Concessivas, que dizem respeito à condição sob a qual o estado de coisas principal pode ocorrer (56); (d) Relações de Razão e de Maneira, que dizem respeito à razão, ao motivo ou o modo pelo qual o estado de coisas principal pode ocorrer (57).

(54) Fomos ao mercado [comprar abóbora, manjeriço e cranberries].

(55) [Quando ouço essas peças de cravo], fico sempre feliz.

(56) [Se formos ao mercado tarde demais], não sobrarão muitos estandes.

(57) Estou trabalhando neste tema [porque tenho que dar uma palestra sobre ele em uma semana].¹⁴

Segundo Cristofaro (2003, p.159), nas relações de tempo, dois estados de coisas podem se correlacionar temporalmente por meio de três modos: (i) relação temporal de posterioridade (relações de *before*); (ii) relação temporal de anterioridade (relações de *after*); e, por fim, (iii) relação temporal de simultaneidade (relações de *when*).

A autora descreve a relação de Posterioridade Temporal como aquela que envolve dois estados de coisas que ocorrem em sequência – o estado de coisas dependente segue o principal temporalmente e é selecionado como um ponto de referência temporal para ele, como os exemplos em (58) e (59):

(58) [Antes de conseguir aquele emprego], eu tinha muito mais tempo livre.

(59) Vou telefonar para ela [antes de sair].¹⁵

Com relação a Anterioridade Temporal, essa relação envolve dois estados de coisas que ocorrem em sequência. Nesse caso, o estado de coisas dependente é anterior ao estado de coisas principal, como no exemplo a seguir:

(60) Isso aconteceu [depois que você saiu].¹⁶

As relações 'depois', portanto, implicam que o estado de coisas dependente ocorre antes do principal e é realizado e concluído no momento em que o principal ocorre.

¹⁴ No original: (54) We went to the market [to buy pumpkin, basil, and cranberries]; (55) [When I listen to these harpsichord pieces], I am always overjoyed; (56) [If we go to the market too late], there will not be many stands left; (57) I am working on this topic [because I have to give a talk on it in one week].

¹⁵ No original: (58) [Before I got that job], I had much more spare time; (59) I will phone her [before I leave].

¹⁶ No original: This happened [after you left]

Por fim, as relações de simultaneidade temporal implicam que os estados de coisas principal e dependente se sobrepõem em sua realização, mesmo que a extensão exata da sobreposição não seja especificada e esteja sujeita a variação:

(61) [Quando os nazistas chegaram ao poder], Georg Grosz deixou a Alemanha.¹⁷

Em (59) não significa que os dois estados de coisas ocorreram exatamente no mesmo ponto temporal. Pode haver um intervalo de alguns dias, ou mesmo meses ou anos entre os dois. Por outro lado, em uma sentença como:

(62) [Quando ele entrou na sala], ela saiu¹⁸

é normalmente assumido, como afirma Cristofaro, que os dois estados de coisas são simultâneos ou separados por um intervalo de tempo muito curto. A questão é que a duração do intervalo de tempo que separa os dois estados de coisas é irrelevante e normalmente pode ser facilmente recuperado pelo contexto do discurso: para fins de discurso, os dois estados de coisas podem ser considerados como ocorrendo simultaneamente.

2.4 Em resumo

Apresentamos, nessa seção, uma revisão bibliográfica de alguns trabalhos que tratam dos processos de combinação de orações, das orações de tempo e da relação entre eventos ou estados de coisas. Na subseção 2.1.1, mostramos pesquisas que investigam as orações de tempo em línguas orais. Apresentamos como as pesquisas em linguísticas foram se expandindo de uma perspectiva que considerava basicamente línguas indo-europeias, que tinha como foco apenas aspectos morfossintáticos, para uma perspectiva que aponta para questões translinguísticas, no estudo das orações complexas. A análise sobre orações de tempo em línguas orais focaliza, em grande parte, aspectos morfossintáticos, como tempo verbal marcado

¹⁷ [When the Nazis came to power], Georg Grosz left Germany.

¹⁸ [When he entered the room], she went out.

morfologicamente, correlação modo-temporal entre os verbos das orações principal e tempo, e uso de conjunções temporais que introduzem as orações de tempo e que também expressam especificidades temporais para o estado de coisas expresso. Apesar desses aspectos morfossintáticos não se aplicarem necessariamente para o estudo de línguas de sinais, as discussões e as análises levantadas sobre aspectos semânticos e pragmáticos feitas por esses autores parece, em certa medida, ser aplicável a línguas que se manifestam por meio de outra modalidade linguística, a visuo-gestual, como é o caso da libras. As funções pragmáticas, que podem ser exercidas pela posição na qual a oração de tempo ocupa, ocorrem de modo semelhante tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, como será visto na seção de Análise para os nossos dados em libras. Essas são informações importantes, tendo em vista que, por meio de uma abordagem funcional, podemos compreender como o falante/sinalizante faz uso da língua, como instrumento de comunicação para cumprir com seus propósitos comunicativos e discursivos.

Na subseção 2.1.2, apresentamos autores que versam sobre esse tema em línguas de sinais, como Pfau (2016), que, no estudo das línguas de sinais flamenga e germânica, atesta que a ordem não marcada da orações de tempo é a anteposição. O autor nos mostra também que o arqueamento de sobrelhas é a principal marcador não manual para a oração de tempo anteposta, sendo realizada apenas nessa posição na sentença. Na libras, por sua vez, vemos que é predominante a quantidade de pesquisas que trabalham com a marcação de tempo. Uma pesquisa linguística que mais se aproxima de nossa investigação é Moreira (2016) que, apesar de se debruçar sobre o estudo da determinação temporal em libras, a autora analisa os uso de marcadores não manuais que podem favorecer interpretações temporais específicas, tais como: (a) direção do olhar; (b) distanciamento do corpo em que os sinais são realizados; (c) localização das mãos. Moreira analisa, sobretudo, dados de orações simples, no entanto, traremos na seção de Análise casos de ocorrências que vão ao encontro do que foi investigado e atestado pela autora. As análises feitas por esses autores nos dão base e direcionamento para verificarmos se há comportamento semelhante em nossos dados.

Na subseção 2.2, discutimos sobre a questão terminológica para o tratamento das orações de tempo em libras. Ressaltamos que o uso do termo oração pode muitas vezes pressupor determinadas características morfossintáticas que remetem ao

estudo de línguas orais. Antes disso, e para evitar essa problemática, a análise de nossas ocorrências se baseou, sobretudo, na análise semântica dessas orações, isto é, não estamos lidando simplesmente com estruturas morfossintáticas, antes disso, estamos lidando com aspectos semânticos e pragmáticos, os quais são responsáveis pela expressão dessas estruturas. Nessa perspectiva, a oração, esse constructo morfossintático, veicula estados de coisas, e, a depender da posição que ocupa na sentença, exerce funções discursivo-pragmáticas. A oração de tempo, pela sua natureza, veicula um estado de coisas dependente, e a oração principal veicula um estado de coisas principal.

Na subseção 2.3, apresentamos a abordagem discursivo-funcional e tratamento que essa abordagem oferece para o estudo das orações de tempo. Mostramos, desse modo, os principais conceitos elaborados por Cristofaro (2003) e Croft (2001) no estudo das orações complexas que aloca as orações de tempo num *continuum* de coordenação-subordinação.

Na próxima seção, nos dedicamos à apresentação dos métodos para a coleta e análise de dados.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Apresentaremos, nesta seção, as decisões metodológicas para a composição de nossos dados e os critérios utilizados para a sua identificação. Assim, iremos descrever os procedimentos metodológicos utilizados ao longo de nossa coleta de dados, detalhando cada passo tomado, bem como descreveremos as características do *córpus* utilizado para a constituição das amostras. Apresentaremos, ao final, uma subseção que traz em detalhes os critérios utilizados para a identificação da oração de tempo, os grupos de fatores e suas variáveis, explicando a sua aplicabilidade em nosso estudo.

3.1 Da escolha do *córpus* de pesquisa

Nossos dados foram extraídos do banco de dados do *Corpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*. O *Córpus de Libras* foi elaborado por pesquisadores da UFSC, sob a coordenação da Profa. Dra. Ronice Müller Quadros e se constitui atualmente como uma base de dados de referência nacional e é composto por vídeos relacionados a temas diversos. O *Córpus de Libras* é disponibilizado e é de acesso *online*, contando com registro de diversas regiões do Brasil, sobretudo, de Santa Catarina. Das muitas produções em libras que compõem esse banco de dados, são elas:

- Libras Acadêmico;
- Exame Prolibras UFSC;
- Prolibras SC;
- Antologia de Poesias SC;
- Empréstimos Linguísticos;
- Inventário de libras;
- Antologia de Poesias SC;
- Surdos de Referências.

Apesar da sua grande extensão, os vídeos que escolhemos para a nossa análise foram os do *Inventário de libras*, devido ao tipo de interação e ao tema da conversa.

Escolhemos esse banco de dados com objetivo de trabalhar com dados representativos da língua em uso. Com relação a esse aspecto, o Córpus de Libras da UFSC apresenta um material que podemos considerar com um grau moderado de monitoramento, uma vez que o assunto discutido pelos participantes é conduzido na sessão de gravação por meio de um monitor que apresenta uma série de palavras relacionadas ao tema de discussão. Além disso, os participantes foram gravados numa sala da universidade, em que pelo menos cinco câmeras estavam captando a sinalização. Esse contexto desfavorece a produção de dados espontâneos, ainda que, a depender do tema discutido pelos sinalizantes, pode ajudar a contornar o problema descrito por Labov (1976) como o *Paradoxo do Observador*.

Ressaltamos, antes de tudo, que os vídeos que selecionamos tratam de relatos e de narrativas de experiência pessoal, os quais retomam à vida dos surdos, seja, por exemplo, os momentos que passaram durante a infância, numa escola bilíngue ou inclusiva, o processo de adaptação a uma sociedade ouvinte, o uso de tecnologia assistiva, como aparelhos de amplificação sonora individual ou implante coclear. Chamamos a atenção para esse fato uma vez que, em nossa coleta de dados, percebemos que as orações de tempo são frequentemente produzidas por meio de determinados sinais e de determinadas estruturas morfossintáticas, apresentando, desse modo, uma relação com o tema proposto para o diálogo. Por meio dessa análise verificamos que o contexto discursivo pode favorecer determinados tipos de construções morfossintáticas e, portanto, o uso de determinados valores semânticos. Com base nisso, salientamos que as ocorrências que iremos apresentar, na seção de Análise, podem estar relacionadas ao contexto de produção, tendo sido motivadas pelo tema proposto para discussão entre os participantes. Além disso, iremos organizar nossas ocorrências em subgrupos de semelhança formal e funcional, bem como explicar os critérios usados para o seu agrupamento.

O Córpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (QUADROS *et al.*, s/d)¹⁹ é composto por uma variedade muito grande de vídeos. Para a nossa investigação, em específico, analisamos 36 de seus vídeos, que são

¹⁹ Esse cópulus pode ser acessado por meio do seguinte link: <http://www.corpuslibras.ufsc.br>.

compostos pela participação de 18 integrantes, 9 mulheres e 9 homens, na faixa de idade de 20 a 45 anos – todos surdos, seja de cultura ouvinte ou de cultura surda. Os 36 vídeos selecionados são divididos em 3 três grupos. O Grupo 1 é formado por seis duplas de informantes mais jovens; o Grupo 2, por seis duplas de informantes adultos; e o Grupo 3, por seis duplas de informantes idosos. Para a organização dos temas de discussão, cada um desses grupos contém dois subgrupos que abordam os seguintes temas:

(a.) Educação de Surdos, como Escolas Bilíngues e Escolas Inclusivas, e assuntos afins;

(b.) Tecnologias: relacionadas ao cotidiano da comunidade surda, como, por exemplo, a cirurgia do implante coclear, o uso de AASI (aparelho de amplificação sonora individual), uso de telefones celulares, entre outros.

Para a realização da sessão de gravação, dois surdos são selecionados para discutirem a respeito de um tema proposto, que, a depender da gravação, pode ter a duração entre 1 a 9 minutos. Todo o material selecionado por nós contém a duração de duas horas, vinte e seis minutos e dois segundos (2h26m02).

Com relação à anotação feita, dos 36 vídeos escolhidos para análise, 34 foram transcritos e anotados com glosa, sendo que, dentre esses, apenas 14 contêm tradução. O quadro abaixo contém um levantamento dos participantes e dos temas discutidos por eles em cada vídeo:

Quadro 7 – Levantamento dos participantes para a constituição do Córpus de Libras

Educação de Surdos			Tecnologias		
Grupo 1:	Grupo 2:	Grupo 3	Grupo 1:	Grupo 2:	Grupo 3:
Dupla 1	Dupla 2	Dupla 3	Dupla 1	Dupla 2	Dupla 3
Dupla 4	Dupla 5	Dupla 6	Dupla 4	Dupla 5	Dupla 6
Dupla 7	Dupla 8	Dupla 9	Dupla 7	Dupla 8	Dupla 9
Dupla 10	Dupla 11	Dupla 12	Dupla 10	Dupla 11	Dupla 12
Dupla 13	Dupla 14	Dupla 15	Dupla 13	Dupla 14	Dupla 15
Dupla 16	Dupla 17	Dupla 18	Dupla 16	Dupla 17	Dupla 18

Fonte: Córpus de Libras da UFSC.

3.2 O software ELAN (*Eudico Linguistics Annotador*)

Todos os nossos dados estão anotados no ELAN²⁰ (*Eudico Linguistic Annotador*), desenvolvido por Hellwig e Geerts (2013), que é um software que permite sistematizar a anotação de glosas, organizando-as de modo preciso em trilhas de transcrição, facilitando a sua extração e identificação, por meio de um buscador, dentro do próprio programa. Dentre outras vantagens oferecidas por esse programa, Oushiro (2014, p.117) nos destaca as seguintes vantagens de utilização desse programa para a anotação de dados linguísticos, dentre as quais enfatizamos: (a) "a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição/anotação, o que facilita enormemente a análise linguística dos dados (por exemplo, para codificação de variantes de variáveis fonéticas)"; (b) "a possibilidade de criação de múltiplas trilhas", que, no caso a anotação de dados de línguas de sinais, permite uma anotação detalhada dos sinais e dos marcadores não manuais; (c) "o fato de ser gratuito, e que vem sendo utilizado cada vez mais entre estudiosos da língua em uso".

Para a pesquisa com línguas de sinais, a utilização do ELAN permite a anotação de modo específico dos sinais realizados com as mãos dominante e não dominante, sincronizadas em trilhas distintas ao lado de marcadores não manuais. A anotação de marcadores não manuais não está concluída no Córpus da UFSC, mas fizemos anotações específicas para os nossos dados. Desse modo, para a anotação do diálogo sinalizado, foram usadas nesse *software* 4 trilhas de anotação para cada sinalizante, totalizando, pelo menos, 4 trilhas de anotações em cada arquivo ELAN, para casa informante: (a) uma trilha para a anotação dos sinais realizados na mão dominante (MD); (b) uma trilha para a anotação dos sinais realizados na mão não dominante (MND); (c) uma trilha para a anotação da tradução; e (d) uma trilha para anotação de comentários para informações adicionais.

Para apresentarmos as ocorrências presentes, neste trabalho, fizemos uso de glosas e, para cada ocorrência, incluímos uma imagem com Qr Code, um aplicativo gratuito, através do qual é possível ter acesso ao vídeo de sinalização – hospedado no Youtube. Garantimos, assim, o acesso aos dados na sua manifestação original, em língua de sinais. Para ilustração dos dados, recorreremos também ao recurso de apresentação das imagens de quadro a quadro, permitindo assim uma melhor

²⁰ O programa por ser acessado no seguinte link: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>.

visualização das ocorrências. Para manter equilíbrio entre as amostras, iremos controlar seus tamanhos pelo número de glosas.

3.3 Método de análise dos dados

Os dados foram organizados em uma planilha do *software* Microsoft Excel, onde pudemos dispor as ocorrências em uma linha, separando em colunas as informações específicas, relacionadas aos parâmetros de análise (grupo de fatores) e informações adicionais sobre anotação e identificação das ocorrências. As colunas:

- (i) coluna para identificação da ocorrência e do vídeo ao qual pertence;
- (ii) coluna para as anotações originais realizadas pela equipe do Córpus de Libras da UFSC.
- (iii) coluna para tradução – extraímos, também, quando havia, as traduções previamente realizadas, e quando não havia, inserimos nesse espaço as traduções feitas pessoalmente;
- (iv) coluna para a identificação de sinais, colocamos os sinais utilizados na oração de tempo. Com isso, pudemos identificar subtipos de orações temporais como a construção [OT_CRESCER+OP], em que o sinal CRESCER é usado;
- (v) coluna própria para a anotação dos marcadores não manuais;
- (vi) coluna para a anotação da ordem formal das orações de tempo: anteposição e posposição;
- (vii) coluna para anotação do valores semânticos temporais expressos pelas orações de tempo: anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- (viii) coluna para anotação do tempo em que se inicia a ocorrência.

Com a ajuda da tabela *Excel*, organizamos nossos dados em subtipos, que puderam ser agrupados por conta das propriedades morfossintática e funcionais, como, por exemplo, a construção [OT_CRESCER+OP], a construção [OT_IDADE+OP], entre outras construções. Na imagem abaixo, apresentamos o modo como foram organizados os nossos dados:

Figura 2 – Organização dos dados no Excel.

Nº	Identificação	Ocorrência	Tradução	Sinal	NMM	Sintaxe	Semântica	Tempo	Comentário
Anteposta									
1	FLN_G1_D3_CONV	IX(eu) · INFANCIA · VER · SABER · IX(eu)	TRAD LIVRE: Quando eu era criança, eu estudei	INFANCIA		Anteposta	Simultaneidade	00:04:04.000	
2	FLN_G2_D5_CONV	PASSADO · IX(eu) · MENINA · IX(eu) · TER	No passado, quando eu era criança, eu não tive	MENINA	Mouthing (pe	Anteposta		00:02:47.000	sentença que
3	FLN_G2_D5_CONV	IX(você) · ESTUDAR · SURDO · INFANCIA	A criança não sabe porque é muito pequena fin	CRESCER		Posposta		00:00:02.000	
4	FLN_G2_D6_CONV	HISTORIA · VIVER · JA · INFANCIA · EXPER	Trad1: Eu lembro que já vivi isso: quando eu er	INFANCIA	Bochecha (n	Anteposta	Simultaneidade	00:00:04.000	ção de um per
5	FLN_G3_D4_CONV	IX(eu) · INFANCIA · IX(você) · PASSADO · E	TRAD LIVRE: Eu, quando cresci, há muito temp	INFANCIA		Anteposta	Simultaneidade	00:03:42.000	cebeu indexa
6	FLN_G3_D5_CONV	DV(crescer) · ENTRAR · ESTUDAR · PARAR	TRAD LIVRE: Quando eu cresci, eu deixei de ir	DV(crescer)	A marca não	Anteposta	Simultaneidade	00:01:04.000	
7	FLN_G1_D2_CONV	CRESCER · IX(ele) · RECLAMAR · GOSTAR	Quando cresce, reclama, não gosta, mas a fami	CRESCER		Anteposta	Simultânea	00:00:30.000	
8	FLN_G1_D6_CONV	EXEMPLO · FILHO · IMPLANTE-COCLEAR	Por exemplo, o meu filho já fez a cirurgia do imp	CRESCER-T		Anteposta	Simultaneidade	00:01:42.000	
9	FLN_G2_D2_CONV	IX(ele) · E(acabar) · CRIANÇA · SABER-NAO2	A criança não sabe porque é muito pequena lin	DV(tamanho-		Anteposta	Simultaneidade	00:00:28.000	mbém cria pl
10	FLN_G2_D2_CONV	DV(tamanho-crescer) · ADULTO · SURDO	Quando ele crescer, quando ele se tornar adult	DV(tamanho-		Anteposta	Simultaneidade	00:00:28.000	mbém cria pl
11	FLN_G2_D4_CONV	QUANDO+ · IDADE · DV(crescer-tamanho)	Quando eu tinha 19 anos, nesse período em qu	QUANDO, D	Mouthing	Anteposta	Simultaneidade	00:03:02.000	Conformativa
12	FLN_G2_D6_CONV	DV(tamanho-baixo) · IMPLANTE-COCLEAR · P	Quando era criança, fez a cirurgia do implante	DV(tamanhd		Anteposta	Anterioridade	00:02:41.000	e é uma caus
13	FLN_G3_D1_CONV	NOME · IX(boca) · TREINAR · DV(crescer)	Quando cresce, não tem dor nenhuma na orelha	DV(crescer)		Anteposta	Simultaneidade	00:00:20.500	
14	FLN_G3_D4_CONV	MENINO · IX(eu) · ESTUDAR · INFANCIA	TRAD LIVRE: Quando eu era criança, para estu	MENINO, INF		Anteposta / Interc	Simultaneidade	00:03:35.000	rcalda seria: f
15	FLN_G1_D2_CONV	IMPLANTE-COCLEAR · CRIANÇA · XXX · CR	QUANDO/Se essa criança crescer e decidir por	CRESCER		Anteposta	Simultânea	00:00:55.000	rece a interpr
Posposta									
1	FLN_G2_D4_CONV	IX(eu) · ACOSTUMAR · APARELHO-AUDITIVO	Eu me acostumei ao aparelho auditivo quando é	DV(tamanho		Posposta	Simultaneidade	00:04:04.000	as sentenças
2	FLN_G2_D5_CONV	E(então) · IX(eu) · NUNCA · ESTUDAR · INI	Só tive contato aos 6 anos de idade quando me coloca	CRESCER		Anteposta/Intercal		00:00:02.000	
3	FLN_G1_D2_CONV	IX(então) · ESCOLHER · XXX · SURDO · PR	TRAD UFSC: Ahh tá, você prefere essa, cresceu	CRESCER		Posposta		00:03:00.000	
4	FLN_G1_D2_CONV	IX(então) · IX(então) · UM · MELHOR · UM	Então, eu penso que, primeiramente, é melhor	CRESCER		Posposta	Simultânea	00:00:37.000	IX(então) · U
5	FLN_G3_D6_CONV	E(positivo) · 50 · E(então) · APARELHO-AUD	Ela usou o aparelho auditivo quando era jovem	E(então), E(Posposta	Simultaneidade	00:01:32.131	
6	FLN_G3_D6_CONV	E(positivo) · 50 · E(então) · APARELHO-AUD	Ela usou o aparelho auditivo quando era jovem	E(então), E(Posposta	Simultaneidade	00:01:32.131	
7	FLN_G3_D5_CONV	IX(eu) · ESPERAR · PASSADO · IX(eu) · ME	TRAD LIVRE: Eu parei de estudar, no passado,	MENINA		Posposta	Simultaneidade	00:00:58.000	
Sinal parado: CRIANÇA e ADULTO									
1	FLN_G2_D4_CONV	VERDADE · PORQUE · POSS(meu) · PASSA	Quando eu era criança, era ruim	CRIANÇA		Anteposta	Simultaneidade	00:02:37.000	usal. Eu pegu
2	FLN_G3_D4_CONV	IX(você) · IX(lá) · COMER// · TARDE · PASS	TRAD LIVRE: No passado, quando ele era cirar	INFANCIA		Anteposta	Simultaneidade	00:02:02.000	evento que s
3	FLN_G2_D2_CONV	IX(ele) · E(acabar) · CRIANÇA · SABER-NAO2	A criança não sabe porque é muito pequena lin	DV(tamanho-		Anteposta	Simultaneidade	00:00:28.000	mbém cria pl
4	FLN_G2_D5_CONV	ADULTO · E(então) · ADULTO · COGNITIVO	Quando se está adulto, a cognição já está pro	ADULTO		Anteposta	Simultaneidade	00:06:47.000	
Com movimento									
1	FLN_G2_D2_CONV	BAIXO · DV(crescer-tamanho) · POSSIVEL	Quando eu cresci, foi possível fazer a cirurgia	DV(crescer-t		Anteposta	Simultaneidade	00:02:57.000	EAR. Não se
2	FLN_G2_D2_CONV	DV(baixo) · DV(crescer-tamanho) · FALAR	Quando eu estava crescendo, eu não sabia fa	DV(baixo), D		Anteposta	Simultaneidade	00:02:01.000	limitar quais

Fonte: própria.

3.4 Convenção de anotação utilizada para apresentação das ocorrências

Na seção de Análise de Dados, com o objetivo de fornecermos informações suficientes para apresentar o conteúdo dos dados, nossas ocorrências serão apresentadas por meio de três segmentos: (i) linhas ilimitadas para a anotação de marcações não manuais; (ii) duas linhas que contenham o morfema lexical do sinal realizado, para cada uma das mãos – mão dominante e mão não dominante; (iii) na terceira linha, iremos inserir a tradução. Como no exemplo abaixo:

(63)²¹

	_____ mth				_____ mth			
ENM:	_____ sa _____ sf				_____ sa _____ sf			
MD:	IX	CRESCER	IX	SABER	IX	CRESCER	IFSC	
MND:							IFSC	

Tradução: Enquanto eu estava crescendo, eu estudava no IFSC. (Tradução livre)



Apresentaremos, para algumas ocorrências, o frame de imagens dos sinais utilizados em sentença, como o exemplo a seguir.

Figura 3 – Oração de tempo anteposta



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

²¹ Disponível em: <https://youtu.be/mjcx5esz3A>.

Para a indicação dos marcadores não manuais, fizemos o uso de linhas que se sobrepõem à realização dos sinais manuais. Para isso, há indicação do marcador não manual utilizada acima da linha dos sinais. A conversão de glosas para marcar os marcadores não manuais, bem como os sinais, encontram-se no início da dissertação, em Conversão de Glosas.

Salientamos que, além das traduções feitas pela equipe do Córpus de Libras da UFSC, contamos em nossas análises com a colaboração de surdos e de intérpretes, que integram o Grupo de Pesquisa em Línguas de Sinais da Unesp SingL, para a realização da tradução e discussão das ocorrências que coletamos. Não fizemos uso de uma banca de tradução. Além disso, as traduções feitas não são inequívocas, e podem oferecer mais de uma tradução possível. Com base nessas circunstâncias, focaremos nossa análise em aspectos morfossintáticos e semânticos para a interpretação das ocorrências, e que contribuem para a tradução.

3.5 Problemas metodológicos para a coleta de dados

No processo de coleta de dados, enfrentamos alguns problemas devido à dificuldade de eleger sinais como uma conjunção temporal que pudesse ser utilizada no buscador do programa ELAN. Desse modo, assistimos todos os vídeos selecionados do Córpus de Libras a fim de encontrar dados que pudessem representar casos de orações de tempo. Advertimos, desse modo, que não é possível garantir que foram identificados todos os casos de orações temporais presentes nos córpus. Essa dificuldade expõe a necessidade de um córpus de libras, de acesso livre, com anotação de sinais, marcadores não manuais e tradução a que os pesquisadores dessa língua possam recorrer em suas pesquisas.

3.6 Decisões metodológicas para a coleta dos dados

Identificamos e assumimos como válidos um conjunto de critérios que permitem identificar e analisar as orações de tempo em libras. Considerando o córpus em específico, selecionamos os seguintes parâmetros ou grupo de fatores para a análise do fenômeno:

- (a) identificação da oração temporal a partir da sua relação com uma oração chamada de principal;
- (b) ordem das orações temporais (anteposta ou posposta);
- (c) valores semânticos: anterioridade, posterioridade ou simultaneidade;
- (d) modo de articulação: justaposição ou introduzida por conector.

Levantadas as ocorrências com base nesses critérios iniciais, buscamos definir padrões de articulação entre estados de coisas dependente e principal, veiculados respectivamente pelas orações temporal e principal, a partir do cruzamento dos seguintes parâmetros de análise encontrados na literatura (BRAGA, 1999; CHAFE, 1986; CRISTOFARO, 2003; CROFT, 2001; SOUZA, 1996; NEVES, 2011).

Quadro 8 – Parâmetros de análise de orações de tempo

Parâmetro de ordem morfossintática:			
Grupo de fatores 1	Modo de articulação entre as orações OT e OP		
Variáveis:	(a.) justapostas	(b.) conectadas por um sinal	
Grupo de fatores 2	Ordem (posição da oração de tempo em relação à principal)		
Variáveis:	(a.) anteposta	(b.) posposta	
Grupo de fatores 3	Identidade do sujeito (grau de vinculação da OT com a OP)		
Variáveis:	(a.) o mesmo da oração núcleo	(b.) aparece na oração de tempo, mas na principal é elidido	(c) não é o mesmo da oração núcleo
Grupo de fatores 4	Explicitude do sujeito da oração de tempo		
Variáveis:	(a) indexação	(b) indexação + sintagma nominal	(c) sintagma nominal
	(d) impessoal	(e) indeterminado	
Parâmetro de ordem semântica:			
Grupo de fatores 5	Valor temporal da OT correlacionada temporalmente com a OP		
Variáveis:	(a) anterioridade	(b) posterioridade	(c) simultaneidade
Grupo de fatores 6	Dependência semântica do estado de coisas da OT – (im)possibilidade de ser empregada independente		
	(a) sim	(b) não	

Fonte: própria.

Discutiremos, detalhadamente, a seguir, os critérios utilizados para a identificação da oração de tempo. No que diz respeito aos Parâmetros de ordem morfossintática, tratam-se de 5 grupos. São eles:

Grupo de fatores 1: Modo de articulação entre os estados de coisas dependente e principal.

A escolha desse critério para a identificação da oração de tempo tem como propósito analisar o modo como as orações temporal e principal se articulam entre si,

seja por meio de um conector, que pode estar atuando como uma conjunção temporal, ou se estão justapostas, isto é, conectadas sem a presença de um conector explícito. Ao longo da coleta de dados, identificamos o uso emblema “então” – E(então), também conhecido como *palm up* (“mãos para cima”), que pode ocorrer antes da oração de tempo. O objetivo desse grupo de fatores é poder analisar os modos de articulação da oração de tempo, discutindo, pois, o uso de conjunções manuais e a justaposição. As ocorrências que envolvem justaposição, maioria dos nossos dados, nos permitem discutir os limites entre coordenação e subordinação, uma vez que o uso de uma conjunção, que poderia favorecer a leitura de subordinação, não ocorre.

Com o intuito de discutir essa questão, analisamos como as informações sobre esse grupo de fatores pode se relacionar com parâmetros semânticos, tais como a análise dos valores semânticos temporais do estado de coisas expresso pela oração de tempo, o que, pelo seu caráter temporal, a torna um evento dependendo do evento expresso na oração de tempo, como será visto nos grupo de fatores **5** e **6**.

Grupo de fatores 2: Ordem Formal:

Esse fator diz respeito à posição ocupada pela oração de tempo, em relação à principal, podendo ser anteposta e posposta. Esse critério, conforme observou-se anteriormente, nos revelou uma maior abrangência com relação aos valores expressos pela oração de tempo de acordo com a posição ocupada na sentença. A análise desse critério favorece uma compreensão do funcionamento discursivo-funcional deste complexo na interação verbal. Orações de tempo antepostas promovem uma orientação discursiva em relação ao conteúdo apresentado na oração principal, além do fato de que oferecem uma moldura, um enquadramento temporal no qual a o evento principal se localiza. Orações de tempo pospostas se caracterizam por funcionarem como um adendo, um acréscimo de informação ao conteúdo expresso na oração principal.

Grupo de fatores 3: Identidade do sujeito (grau de vinculação da OT com a OP)

Esse critério é interessante na medida em que podemos, por meio dele, verificar o grau de vinculação da oração de tempo com a oração principal. Afirmamos isso pelo fato de que, como propõe (LEHMANN, 1988), a correlação entre sujeito nas orações principal e subordinada é indicativa de maior integração sintático-semântica.

Nesse sentido, quando há correferencialidade entre o sujeito da principal e o da subordinada, o grau de integração é mais forte.

Grupo de fatores 4: Explicitude do sujeito da oração temporal

Esse critério nos permite analisar o modo com que o sujeito é expresso morfossintaticamente na oração temporal, por meio de: (a.) indexação, isto é, a indicação de sujeito é feito por meio do apontamento para um referente, podendo essa sinalização ter o funcionamento de um apontamento pronominal, e sendo glosado por IX; (b.) sintagma nominal, o sujeito pode ser expresso por um sintagma nominal para indicar um referente; (c.) sintagma nominal simples, sem a presença de indexadores; (d.) impessoal, quando o sujeito não é expresso por marcadores manuais; por fim, (e.) indeterminado, quando o sujeito não está expressamente referido no discurso, sendo retomado por inferência. A análise de como o sujeito é explicitado é interessante para a nossa investigação porque podemos analisar as características morfossintáticas articuladas a expressão da oração de tempo.

Com relação aos parâmetros de ordem semântica, são 2:

Grupo de fatores 5: Valor temporal do estado de coisas dependente, veiculado pela oração de tempo, correlacionado com o estado de coisas principal, veiculado pela oração principal.

Esse critério diz respeito à condição de o estado de coisas dependente ser (a.) anterior, (b.) posterior ou (c.) simultâneo ao estado de coisas principal, assim como tem sido estudado para a literatura em outras línguas (CRISTOFARO, 2003; NEVES, 2011). A análise da correlação temporal entre os dois estados de coisas nos levanta uma série de questionamentos. Tendo em vista a ausência explícita de conectivos entre essas orações, diferente de como Neves (2011) mostra para o português – que faz uso de outros recursos morfossintáticos para expressar esse valores semânticos, buscamos, com esse parâmetro, além de identificar a natureza semântica das orações de tempo, discutir se existem mecanismos morfossintáticos que poderiam estar habilitando uma leitura de anterioridade, de posterioridade ou de simultaneidade. Podemos dar como exemplo, como será visto na seção de Análise, ocorrências que se especificam pelos seus valores internos do estado de coisas dependente, como as construções [OT_CRESCER + OP]. Nessas construções é possível identificar três tipos temporais para estados de coisas expressos nas orações de tempo: (a.) um

estados de coisas que apresenta os traços [+ acabado] e [+ limitado], que pode fazer referência ou a um estado inicial ou a um estado final, do processo de crescer; (b.) um estado de coisas caracterizado pelos traços [- acabado] e [- limitado], que expressam um evento contínuo, ao longo do tempo.

Grupo de fatores 6: Dependência semântica do estado de coisas da oração de tempo – impossibilidade de ocorrer isoladamente, como uma oração absoluta.

Assumindo que as orações de tempo veiculam um estado de coisas dependente em relação a outro estado de coisas, considerado principal, usamos esse fator linguístico como mais um critério para a identificação das orações de tempo na libras. Afirmamos isso pelo fato de que, como será visto na Análise, não é possível criar uma expectativa temporal, por meio da oração de tempo, sem completá-la com uma informação, que no caso seria expressa na oração principal.

3.7 Em resumo

Na subseção 3.1 explicamos o porquê da escolha do corpus utilizado para a coleta das ocorrências. O corpus usado foi o Corpus de Libras da UFSC.

Na subseção 3.2, discutimos sobre o *software* ELAN (*Eudico Linguistics Annotador*) e como fizemos uso de suas ferramentas para a coleta de dados e sobre como o utilizamos para a anotação da sinalização em libras.

Na subseção 3.3, apresentamos os métodos utilizados para a identificação das orações de tempo no corpus analisado. Ressaltamos que o desenvolvimento desses métodos foi acompanhado tanto pela revisão bibliográfica que realizamos para a caracterização do estado da arte quanto pela etapa de coleta de dados. Afirmamos isso pelo fato de que os critérios não poderiam ser desenvolvidos totalmente antes de iniciarmos a coleta de dados, tendo em vista que existem pouquíssimos autores que versam sobre esse tema nas línguas de sinais e, portanto, não tínhamos conhecimento suficiente para compreender e identificar o comportamento desse complexo oracional na libras. Desse modo, tivemos um cuidado especial para o desenvolvimento de cada critério, visando sempre abordar aspectos relevantes para a identificação das orações de tempo. Parece óbvio afirmar, mas relembramos as

diversas dificuldades com que nos deparamos na etapa de coleta de dados, uma delas, e que teria facilitado o processo caso existisse, é o fato de não poder fazer uso efetivo do buscador para glosas específicas, como, por exemplo, glosas como QUANDO, ENQUANTO, entre outras glosas que se referem a conjunções temporais. Essa dificuldade vai ao encontro da necessidade de darmos um tratamento a esse tema que ultrapasse a análise de aspectos morfossintáticos, mas, também, aspectos semânticos, que consiste na identificação de estados de coisas que se correlacionam temporalmente pelos seus traços semânticos temporais – isso perpassa a necessidade de existir uma conjunção temporal que sinaliza a criação de um *frame* temporal e que introduz uma oração de tempo, como acontece em línguas orais. Com relação aos aspectos pragmáticos, as línguas orais e as línguas sinalizadas parecem compartilhar, em certa medida, dos mesmos expedientes pragmáticos a fim de cumprirem com seus propósitos discursivos.

Na subseção 3.4, explicamos detalhamentos sobre como as ocorrências são transcritas e como serão apresentadas na seção de Análise.

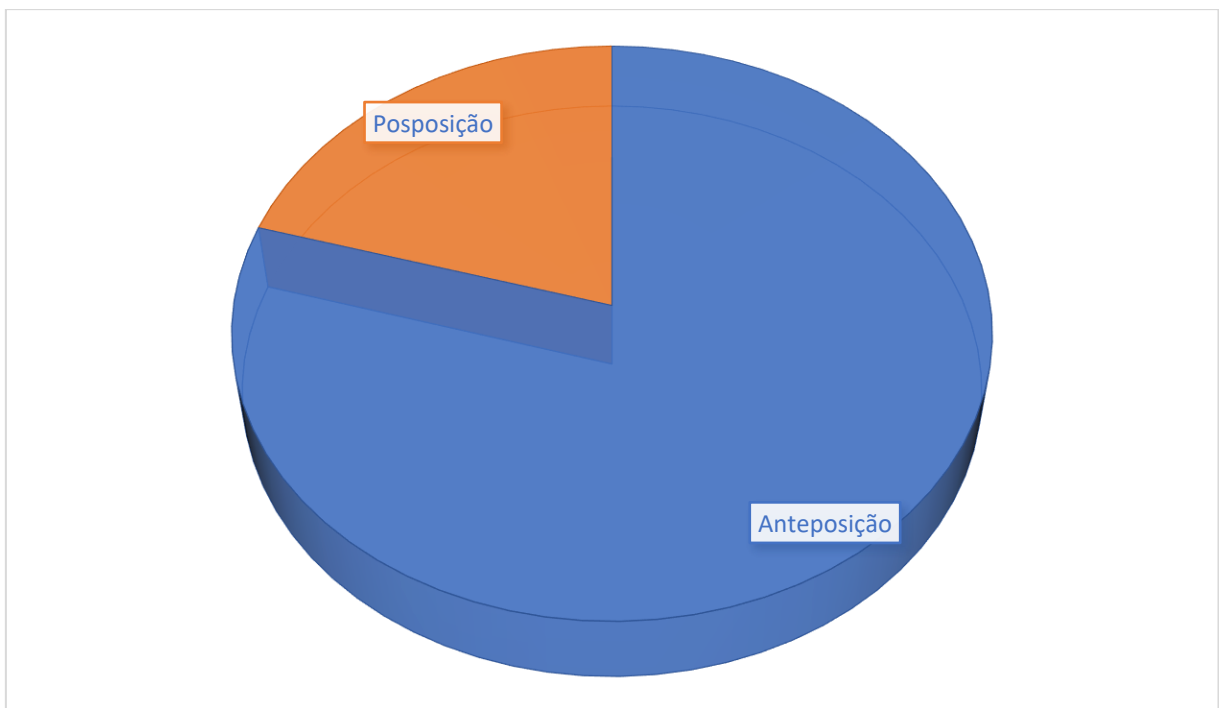
Na subseção 3.5, discutimos sobre os problemas metodológicos para a coleta de dados com os quais nos deparamos.

Na subseção 3.6, apresentamos os critérios iniciais para a identificação de uma oração e sua descrição detalhada.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nossa amostra é composta por 210 ocorrências de orações de tempo na libras. Dessas, são 167 ocorrências de anteposição (**80%**) e 43 ocorrências de posposição (**20%**). Isso nos permite concluir que, nos nossos dados, a ordem não marcada das orações de tempo em libras é a anteposição, em relação à oração principal. No quadro abaixo, mostramos essa quantificação com base nos percentuais acima:

Tabela 1 – Quantificação da ordem das orações de tempo anteposta e posposta



Fonte: própria.

Um dos grandes desafios de nossa pesquisa foi justamente delimitar essas ocorrências, uma vez que, como discutimos na seção de Fundamentação Teórica, nem sempre é fácil estabelecer os limites de uma sentença em línguas de sinais. Considerando que não poderíamos lançar mão do uso de expedientes sintáticos como o uso de uma conjunção temporal e a correlação modo-temporal, como se faz tradicionalmente no estudo das línguas orais. Optamos, assim, por adotar critérios funcionais, propostos essencialmente por Croft (2001) e Cristofaro (2003). Assumimos, pois, que o complexo oracional com o qual estamos trabalhando é

composto por dois estados de coisas: um dependente, veiculado pelo que seria a oração subordinada de tempo, e outro principal, veiculado pelo que seria a oração principal. Nossos dados indicam que a relação de dependência entre esses dois estados de coisas pode ser verificada semanticamente, por meio da natureza dos eventos envolvidos. Em (64), por exemplo, são expressos dois estados de coisas. Um deles expressa tão somente uma informação temporal que localiza temporalmente (“enquanto eu estava crescendo”) o segundo estado de coisas que é “eu estudava o IFSC”. Ainda que não seja possível identificar nessa ocorrência um padrão tradicional de oração, com predicado verbal, como ocorre nas línguas orais, defendemos que “IX CRESCER” representa um estado de coisas que ancora temporalmente o estado de coisas “IFSC”, que é o evento principal, sendo, portanto, subordinado a este. “IX CRESCER”, assim como outras muitas oração de tempo, é constituída pelo que chamamos de predicado nu, isto é, um sintagma verbal que não apresenta núcleo verbal explícito. Ressaltamos que IX CRESCER está duplicado, isto é, foi expresso duas vezes.

(64)²²

ENM:	_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>	_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>
MD:	IX CRESCER IX	SABER IX CRESCER IFSC
MND:	_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>	_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>
Tradução:	Enquanto eu estava crescendo, eu estudava o IFSC	



Sustentamos uma interpretação dos nossos dados com base na afirmação de que uma oração de tempo é caracterizada por apresentar um estado de coisas dependente em relação a um estado de coisas principal, que, por sua vez, contém a informação asseverada. Considerando (64), podemos dizer que a única informação asseverada é o fato que o sinalizante estudou no IFSC, deixando evidente que há um contraste em relação ao conteúdo informacional dos dois estados de coisas. A função

²² Disponível em: <https://youtu.be/mjcxt5esz3A>.

do estado de coisas dependente, que a oração de tempo veicula, é fornecer informações temporais sobre o evento descrito no estado de coisas principal.

Desse modo, nossas análises se voltam mais para a identificação dessa relação temporal entre estados de coisas dependente e principal do que para a busca de estruturas que poderiam ser paralelamente associadas às estruturas das línguas orais. Ressaltamos que algumas das nossas ocorrências podem fomentar também uma discussão sobre o estatuto adverbial ou sentencial nas línguas de sinais das unidades analisadas. Entendemos, todavia, que no momento, não dispomos de elementos suficientes para encerrar essa questão. Consideramos, pois, que em alguns momentos, estamos trabalhando com unidades linguísticas, no mínimo, estruturalmente ambíguas.

As propriedades morfossintáticas, apresentadas na Fundamentação Teórica, como correlação modo-temporal, uso de conjunções temporais, tempo verbal, entre outras propriedades das línguas orais (BRAGA, 1999; NEVES, 2011), não podem ser aplicadas na análise dos nossos dados, na libras. No entanto, o que podemos recuperar dessa literatura está relacionado aos aspectos semânticos e pragmáticos, que também foram identificados em nossas análise.

Por outro lado, temos o trabalho de Pfau (2016), que trata sobre o (i) uso de marcadores não manuais (MNM), como o arqueamento de sobranças, associados a realização da oração de tempo; (ii) a oração de tempo anteposta, que é a ordem não marcada para os dados obtidos pelo autor; (iii) da possibilidade de realização da oração principal ocorrer como uma oração simples, por conta de seus valores semânticos. Essas propriedades apresentadas pelo autor serão utilizadas como base e como comparação para o capítulo de Análise e para fomentar a discussão de nossos dados. Será analisado e discutido, por exemplo, as ocorrências que apresentam posposição da oração de tempo: as orações de tempo pospostas podem também ser acompanhadas pelo arqueamento de sobranças, marcador não manual também utilizada pela oração de tempo anteposta? Qual o estado da sobrança em nossos casos de anteposição? As orações de tempo anteposta e posposta compartilham da mesma marcação não manual? Se compartilham, isso pode ser um critério para identificar uma oração? Concluimos, no entanto, por meio dessa perspectiva que se o arqueamento das sobranças funciona apenas para a oração temporal anteposta, e não funciona para a posposta, é porque o arqueamento da sobrança não é um

critério para identificar uma oração de tempo nos dados. Esses são apenas alguns exemplos de questões teóricas que iremos retomar nesta seção.

Tal como foi exposto na Introdução, retomamos aqui os principais questionamentos que nos movimentaram ao longo desta investigação e que buscamos responder em nossa análise.

As perguntas que buscaremos responder dizem respeito à identificação das propriedades das orações de tempo na libras (expedientes pragmáticos, semânticos e morfossintáticos) e a presença de conjunção manual de tempo.

Apresentaremos, na próxima subseção, dados relacionados às propriedades das orações de tempo, como (i) ordem formal, e, por consequência, (ii) os valores semânticos e funções pragmáticas associados à posição da oração temporal; (iii) valores semânticos temporais, de anterioridade, posterioridade e simultaneidade; (iii) sobreposição de valores semânticos, como os valores de causa, condição e conformidade; e, por fim, (iv) presença de marcador temporal, que pode estar atuando como conjunção temporal. Apresentaremos, em seguida, a subseção 4.3, que tratará sobre os subgrupos de orações de tempo, organizados por semelhança morfossintática, e discutiremos sobre a produtividade de suas estruturas.

4.1. Resultados

4.1.1. As relações expressas nas orações de tempo em libras

Consideramos oração de tempo aquela que veicula um estado de coisas dependente que oferece informações circunstanciais sobre o evento expresso no estado de coisas da oração principal. Isso se dá pelo fato de que a oração de tempo é responsável por promover o pano de fundo, a moldura temporal na qual o evento da principal ocorre. Desse modo, consideramos que o evento da oração de tempo tem um propósito discursivo e funcional específico. Nessa perspectiva, segundo Neves *et al.* (2011), a estrutura morfossintática, isto é, a posição que a oração de tempo ocupa na sentença é que sinalizada a sua função pragmática. A literatura tem mostrado que as orações de tempo são preferencialmente antepostas e, nesse caso, são

responsáveis por “criar o pano de fundo, isto é, a orientação temporal para os eventos que serão referidos nas seguintes”. Já as temporais posposta têm uma função pragmática distinta, uma vez que ao ocorrer após a oração principal, pode “delimitar, restringir a asserção codificada pela sentença nuclear [, principal]” (NEVES, 2011).

Essa caracterização sobre a ordem formal – aspecto morfossintático – favorece a interpretação de valores semânticos e seus traços temporais. A oração de tempo, anteposta à oração principal, expressa valores diferentes daqueles que seriam expressos caso fosse posposta. Além disso, a anteposição da oração de tempo pode funcionar como um sinalizador que indica mudança de tópico discursivo (NEVES *et al.*, 2011), sendo considerado pela autora como “tópicos chineses”, uma vez que tem como função “limitar a aplicabilidade da predicação principal a um domínio restrito, constituir uma moldura espacial, temporal ou individual dentro da qual a predicação principal se coloca”.

Em (65), a oração de tempo IX CRESCER funciona como um pano de fundo, um *background* no qual o evento principal é realizado (IFSC) que, por sua vez, atua como um *foreground* (CROFT, 2011, p.328). A estrutura IX CRESCER, além disso, promove uma orientação discursiva temporal do qual o sinalizador faz uso, no intuito de orientar o seu interlocutor de que as informações que serão apresentadas a seguir estão dentro da moldura temporal construída.

(65)²³

ENM:	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
	sa	_____	sf	sa	_____	sf	sf
MD:	IX	CRESCER	IX	SABER	IX	CRESCER	IFSC
MND:							

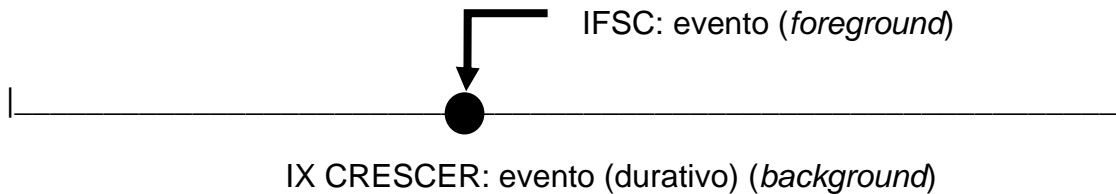
Tradução: Enquanto eu estava crescendo, eu estudava no IFSC



²³ Disponível em: <https://youtu.be/mjcx5es33A>.

Podemos representar (65) através do esquema a seguir.

Esquema de organização dos eventos em (65):



Nessa perspectiva, baseando-se em Croft (2011, p.328), ao discutir sobre uma análise gestaldiana sobre os eventos expressos nas orações temporal e principal, podemos argumentar, a favor de nossa análise, que o evento da oração principal, em (65), ocorre em perspectiva do evento da oração de tempo. Afirmamos isso pelo fato de que, cognitivamente, a correlação temporal entre esses dois estados de coisas nos permite uma única interpretação conceptual possível. Não seria possível, por conta disso, uma outra interpretação temporal para essa sentença. Os valores semânticos expressos pelas orações temporal e principal, na ocorrência em questão, representa os que o autor denomina como relações de *background-foreground*, ou por outro nome *figure-ground* (TALMY, 1978 *apud* CROFT, 2011). Nesse caso, podemos observar que há uma assimetria relacionada à natureza semântica dos eventos.

Ainda sobre a ocorrência 65, nossa análise perpassa tanto aspectos semânticos quanto morfológicos. As informações morfológicas de realização do sinal CRESCER, como o movimento da mão dominante vinda de baixo para cima, favorecem a interpretação semântica da sentença. Notamos também que o MNM de bochecha inflada marca a transição da oração tempo para a oração principal. Para a oração de tempo IX CRESCER a bochecha se infla, marcando, então, o evento dependente, e para a oração principal IFSC, a bochecha não está inflada, marcando o evento principal. Essas marcas morfológicas, tanto do próprio sinal quanto dos MNM favorecem a interpretação semântica da sentença. O verbo CRESCER expressa um aspecto durativo de um evento que se desenvolve ao longo de determinado tempo, sendo portanto, um predicado atélico, isto é, não tem um fim lógico, um fim previsível, pois apresenta o traço semântico [- limitado].

Por outro lado, a posposição da oração de tempo pode cumprir outra função discursiva, como, por exemplo, a de fornecer um acréscimo de informação, um adendo em relação ao conteúdo comunicado na oração principal. Esse acréscimo de informação pode especificar circunstancialmente o evento da principal.

Em (66), a oração de tempo promove um acréscimo, um adendo ao conteúdo expresso na oração principal, especificando o evento expresso. A informação asseverada, no caso aqui, uma pergunta, é expressa na oração interrogativa “IX ESTUDAR SURD@S”. “CRESCER”, por sua vez, representa um acréscimo de informação em relação a essa pergunta, na medida em que ela a especifica ou delimita circunstancialmente. A função adverbial desse segmento final é nítida, ainda que o seu estatuto oracional seja opaco. De todo modo, o que queremos mostrar é que a posição formal tem implicações semântico-pragmáticas, como já atestado para as línguas orais. Essa interpretação linguística nos mostra como a ordem que a oração de tempo ocupa, em relação à principal, pode fazer emergir valor semânticos e pragmáticos diferentes.

(66)²⁴

ENM:	<u>IncB</u>			<u>IncB+</u>
MD:	IX	ESTUDAR	SURD@	CRESCER
MND:		ESTUDAR		

Tradução: Você estudou com surdos, quando você era criança?



Figura 4 – Oração de tempo posposta



Fonte: Córpus de Libras da UFSC.

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/PDzKfwd3xk4>.

4.1.2. Valores semânticos das orações de tempo em libras

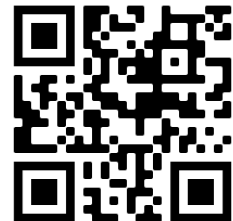
O estado de coisas dependente, veiculado pela oração de tempo, pode ser (a.) anterior, (b.) posterior ou (c.) simultâneo ao estado de coisas principal. Esses traços semânticos temporais podem ser expressos por meio de diversos mecanismos morfossintáticos, como mostraremos nesta subseção e nas que estão a seguir.

(a.) Anterioridade:

(67)²⁵

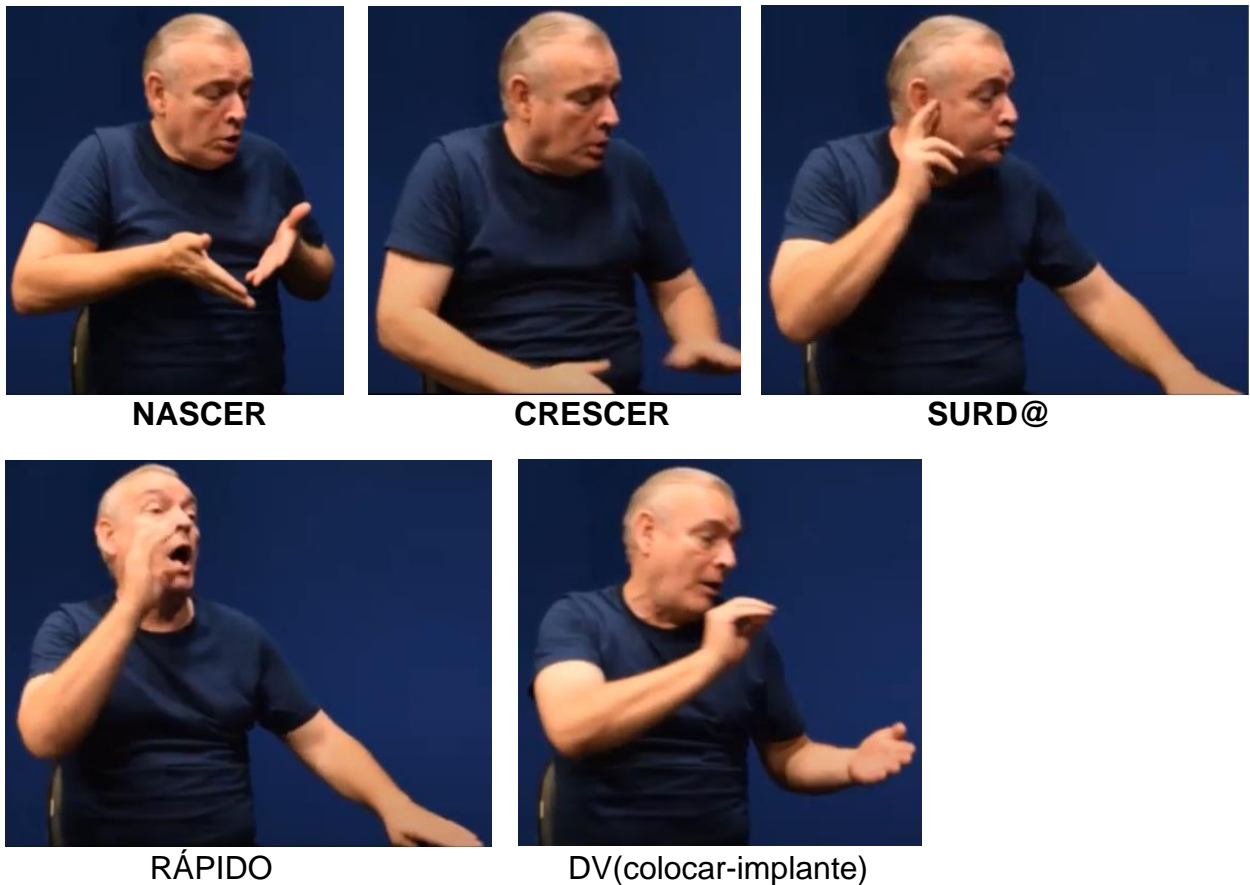
		_____ mth _____ mth		
			_____ IncC	
ENM:		_____ sa _____ sa		
ENM:		_____ dolX ¹ _____ dolX ² _____ dolX ¹		
MD:	NASCER		SURD@	RÁPIDO
MND:	NASCER	CRESCER	CRESCER	COLOCAR

Tradução: Logo que nasça surdo, já implantam.



²⁵ Disponível em: <https://youtu.be/VWGr7maZV3w>.

Figura 5 – Oração de tempo anteposta com valor semântico de anterioridade



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

Em (67), temos um caso em que a oração temporal veicula um estado de coisas que é anterior ao estado de coisas da oração principal. Verificamos que o sinalizador mantém a direção dos olhos para onde é realizado o sinal CRESCER, que faz referência ao sinal SURD@ e na sequência o classificador “colocar-implante”. A direção dos olhos do sinalizante muda e se direciona brevemente ao seu interlocutor quando ele realiza o sinal RÁPIDO e logo se direciona novamente ao local onde foi realizado o sinal CRESCER e dá continuação à sentença. Esse dado vai ao encontro do que Moreira (2016) descreve em sua pesquisa, afirmando que “a mudança de olhar e da direção do tronco do narrador explicita a criação, no espaço, de uma das personagens da história” (MOREIRA, 2016, p.135). A autora afirma, ao longo de sua tese, que o desvio do olhar do sinalizador ao narratário, interlocutor, tem o intuito de expressar necessariamente uma construção fílmica, isto é, a criação de um espaço de narração em seu discurso. A direção do olhar para determinado espaço de sinalização indica, portanto, a criação de um espaço narrativo, deslocado do tempo

presente de fala (momento de fala – MF), voltando, então, para um tempo passado (momento de referência – MR), quando expressa a oração de tempo e logo, em sequência, o estado de coisas principal (momento de evento – ME). Com relação a breve mudança de olhar do sinalizador para o seu interlocutor na realização do sinal RÁPIDO, sugere também que o sinalizador estava reforçando a atenção do interlocutor para si. Outra característica relacionada a essa ocorrência, que Moreira (2016) também discorre em sua tese, diz respeito à distância na qual o sinalizador realiza os sinais. Em (67), o sinalizador realiza o sinal CRESCER e o classificador “colocar-implante” distantes do seu corpo, indicando, de acordo com a autora, que o sinalizante está fazendo referência a um tempo passado, nesse ocorrência em específico.

Desse modo, podemos identificar uma série de mecanismos morfossintáticos para a expressão da oração de tempo: uso do sinal CRESCER, que pela sua natureza semântica, favorece a construção de um tempo passado (momento de referência – MR); local de realização dos sinais distantes do corpo, que também podem favorecer a interpretação de tempo passado; direção do olhar para o local onde são realizados os sinais referentes aos estados de coisas dependente e principal. Todos esses mecanismos, atestados por Moreira (2016), também se aplicam a orações de tempo, num complexo oracional.

(b) Posterioridade:

(68)²⁶

	sa		dolX ¹	dolX		dolX ¹
ENM:						
MD:	DV(tirar-aparelho)1+	E(banho)	E(não)	DV(tirar-aparelhor)2		DV(deixar-de-lado)
ME:	DV(tirar-aparelho)1+	E(banho)	E(não)	DV(tirar-aparelhor)2		

	sf		dolX ²	dolX ³		dolX ¹		dolX
ENM:								
MD:	DV(arrumar-cabelo)	E(so)+	DV(colocar-aparelho)			PODER		
ME:	DV(arrumar-cabelo)	E(so)+	DV(colocar-aparelho)			PODER		

Tradução: Eu tiro o aparelho auditivo, quando tomo banho e quando arrumo o meu cabelo, então só depois que eu posso colocar o aparelho auditivo de volta. (Tradução livre)



²⁶ Disponível em: <https://youtu.be/eL6dFie-vVU>.

Figura 6 – Oração de tempo posposta com valor semântico de posterioridade



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

Com relação à oração de tempo posposta à oração principal, verificamos em nossos dados, como a literatura afirma, que a posposição tem como função discursiva especificar o evento expresso na oração principal. Na ocorrência em 68, vemos que o sinalizante fornece uma adendo, uma asserção sobre o evento expresso na oração principal. Esse acréscimo de informação é feito por meio do estado de coisas dependente, veiculado pela oração de tempo, que por sua vez especifica a circunstância na qual o evento principal – classificador “tirar-aparelho” – é realizada. A oração principal é especificada pela oração de tempo emblema “banho”. A ação de retirar o aparelho auditivo ocorre nas circunstâncias na qual o sinalizador vai tomar banho.

diferente em que cada oração é sinalizada também contribuem para a interpretação semântica de simultaneidade entre os dois eventos. Ressaltamos que esses mesmos mecanismos podem ser usados para expressar coordenação.

4.1.3. Sobreposição de valores semânticos nas orações temporais

Além das dificuldades para determinar o estatuto da oração temporal, nos deparamos com uma outra dificuldade, dessa vez em relação aos valores semânticos. Observamos que algumas das nossas ocorrências, além de expressar a noção de tempo, também podem expressar valores como: (a) condição, (b) causa, (c) conformatividade, entre outros. Segundo Heine *et al.* (1991), o tempo é uma categoria mais concreta e pode metaforizar categorias mais abstratas, como causa e condição, de acordo com a escala de categorias cognitivas propostas pelos autores:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Heine *et al.* (1991, p.48) defendem que essa escala pressupõe um processo metafórico em que, a fim de expressar funções mais 'abstratas', que se localizam à direita, entidades concretas, à esquerda, são recrutadas.

A sobreposição de valores temporais, causais e condicionais estaria, portanto, prevista nas orações adverbiais, uma vez que valores causais e condicionais se desenvolvem a partir de valores temporais.

(a) Ocorrências que favorecem a interpretação de condição

Na ocorrência em (70), notamos que é possível identificar, além da noção temporal, também um valor condição entre as orações: E(então) CONHECER MICROONDAS CHOQUE – estado de coisas principal, e PERTO – estado de coisas dependente. Nessa ocorrência, o sinalizante alerta o interlocutor do perigo de se sofrer um choque elétrico pelo microondas caso esteja perto dele.

(70)²⁸

	doIX	doIX ¹	doIX	doIX ¹
ENM:	sf			
MD:	E(então)	CONHECER	MICROONDAS	CHOQUE PERTO
MND:				CHOQUE

Tradução: QUANDO/SE está perto do microondas, dá choque. (Tradução livre)



Em (71), por exemplo, é possível observar que uma leitura temporal e condicional estão habilitadas. Nessa ocorrência, temos dois estados de coisas: a criança crescer e querer usar o implante coclear, e o sinalizante aceitar essa decisão. Vemos que existe uma ordenação temporal desses estados de coisas, na medida em que um ocorre necessariamente antes do outro. Mais do que uma relação estritamente temporal, podemos observar uma relação condicional, uma vez que a realização do segundo estado de coisas está condicionada à realização do primeiro.

(71)²⁹

	sf	doIX ¹	sa	doIX	sf
ENM:					
MD:	IMPLANTE-COCLEAR	CRIANÇA	SI-MESMA	CRESCER	ACEITAR
MND:	IMPLANTE-COCLEAR	CRIANÇA	SI-MESMA	CRESCER	ACEITAR

	doIX
ENM:	sf
MD:	IX OBDECER
MND:	OBDECER

Tradução: (primeiro) a criança cresce e ela mesma aceita (decide), daí eu respeito (sua decisão)? (Tradução livre)



²⁸ Disponível em: https://youtu.be/msu1QEu_KXM.

²⁹ Disponível em: https://youtu.be/nZZONC_5TB0.

Nessa ocorrência, identificamos também que o sinalizador mantém a direção do olhar para o local no qual é realizada a oração de tempo e, após isso, quando realiza a sinalização da oração principal, ele muda a direção dos seus olhos para o interlocutor. Isso reforça o que Moreira (2016) defende em investigação. A autora nos afirma que o marcador não manual de direção dos olhos, que pode estar em direção a um local específico do espaço de sinal, no caso o próprio local no qual é feita a oração de tempo e que apresenta como núcleo verbal o sinal CRESCER, favorece e reforça a temporalidade do estado de coisas, além de ser contrastado com o evento da oração principal, na qual o sinalizante muda a direção dos seus olhos, indicando tempos diferentes.

(b) Ocorrências que favorecem a interpretação de causa

Em (72), por sua vez, há dois estados de coisas: sentir dor e pessoas falando alto. Observamos que existe uma relação temporal entre esses dois estados de coisas, na medida em que um deve ocorrer primeiro que o outro. Por outro lado, podemos depreender que há também uma relação de causa entre esses dois eventos, uma vez que a realização de um é causa da realização do outro. O fato de o sinalizante sentir dor é causado pelo fato de as pessoas falarem alto.

(72)³⁰

	doIX				
	IncD				
	sf				sa
ENM:					
MD:	EMOCIONAR	IX(ouvir)	E(dor)	IX(ouvir)	E(alto) FALAR
MND:	EMOCIONAR				

Tradução: Eu sentia dor QUANDO/PORQUE as pessoas estavam falando alto. Conforme o som aumentava, eu sentia dor. Como então? (Tradução)



Igualmente em (73) observamos que os dois estados de coisas “ficar alegre” e “ter intérprete” estabelecem entre si uma relação temporal e também uma relação de causa.

³⁰ Disponível em: <https://youtu.be/2zf1p4pVwXY>.

(73)³¹

			<u>doIX</u>
			<u>mt</u>
ENM:	IX	ALEGRE//	INTÉRPRETE
MD:	IX	ALEGRE//	INTÉRPRETE
MND:	IX	ALEGRE//	INTÉRPRETE

Tradução: Eu fico alegre QUANDO/PORQUE o intérprete é bom. (Tradução livre)



(c) Ocorrências que favorecem a interpretação de conformatividade:

(74)³²

		<u>sf</u>	<u>nth</u>		<u>nth</u>		<u>sa</u>	<u>sf</u>
ENM:	PROFESSOR	MAIOR	VAGA	MAIOR	FUTURO	MELHOR		
MD:	PROFESSOR	MAIOR	VAGA	MAIOR	FUTURO	MELHOR		
MND:	PROFESSOR	MAIOR	VAGA	MAIOR	FUTURO	MELHOR		

MD:	PESSOA	PESSOAS2
MND:	PESSOA	PESSOAS2

Tradução: Conforme a quantidade de professores e de vagas aumentar, no futuro será melhor para as pessoas (Tradução livre)

Precisa aumentar as vagas com o intuito de profissionais trabalharem. (Tradução UFSC)



Como atestam Pfau (2016), Klomp (2019) e Rodrigues (2020), a ordem preferencial das orações condicionais nas línguas de sinais é a anteposição. Pfau (2016) e Rodrigues e Sousa (2019), atestam que a ordem das causais nas línguas de sinais tende a ser a posposição. Nos dados apresentados não parece ser coincidência que as sentenças que permitem a sobreposição de valores temporais e condicionais sejam antepostas e as que permitem a sobreposição de valores temporais e causais sejam pospostas.

³¹ Disponível em: https://youtu.be/H_IIQa1yBaM.

³² Disponível em: <https://youtu.be/tluyGggeDwE>.

Uma vez que essas sentenças são justapostas, não encontramos evidências fortes para sustentar que possamos classificá-las como condicionais ou causais. Mais relevante, neste momento, é demonstrar que essa sobreposição de valores converge com a ideia da escala de categorias cognitivas, proposta por Heine *et al.* (1991) e que, portanto, demonstram a atuação de processos metafóricos na elaboração de sentenças na libras.

4.2 Conjunções manuais nas orações de tempo da libras

Não pudemos identificar nos dados uma conjunção manual temporal que estivesse explicitamente atuando na ligação das orações temporal e principal. Não há igualmente na literatura, nem mesmo nos dicionários de libras (CAPOVILLA *et al.*, 2017), nenhuma descrição de conjunção temporal na libras.

Encontramos, no entanto, um possível candidato de um marcador manual que pode estar cumprindo essa função, mas, devido a sua baixa frequência, não podemos classificá-lo como tal – ainda é necessária uma investigação mais profunda sobre o seu estatuto morfossintático. O marcador manual identificado é glosado no Córpus de Libras como emblema “então” – E(então), sendo identificado em outras pesquisas e nomeado por *palm up* (PFAU *et al.*, 2016, p.310-311). Ele pode ocorrer introduzindo a oração de tempo, como nas ocorrências (75), bem como pode ocorrer no final da oração de tempo, como nas ocorrências (76). O emblema E(então) pode ser classificado também como marcador discursivo ou marcador conversacional. Na ocorrência abaixo, sinalizamos em vermelho o referido sinal/emblema, no frame de imagem.

(75)³³

MD:	E(então)	IX	ESCOLA	MAIOR	SURD@	ESFORÇAR
MND:	E(então)	IX	ESCOLA	MAIOR	SURD@	ESFORÇAR

Tradução: Quando há um aumento no número de escolas, os surdos se esforçam mais. (Tradução livre)



Figura 7 – E(então): marcador conversacional



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

³³ Disponível em: https://youtu.be/nHpXF0A_1T0.

Encontramos também ocorrências nas quais o E(então) aparece no final da oração de tempo. Essa mobilidade em que o E(então) apresenta reforça a dúvida sobre o seu estatuto morfossintático. Das ocorrências:

(76)³⁴

	<u>doIX</u>		<u>doIX¹</u>		<u>doIX</u>	
ENM:	<u>mtH</u>			<u>mtH</u>		
MD:	IX	PENSAR	E(então)	MÉDICO	IX	E(esperar)
MND:				MÉDICO		E(esperar)

Tradução: Eu não sei, o médico que sabe. Estou neutra quanto a isso. (Tradução livre)



Na ocorrência em questão, atestamos que o sinal E(então) não atua como uma conjunção temporal e nem mesmo favorece uma interpretação de correlação entre as duas orações.

Concluimos, portanto, em nossa análise, que não existem conjunções temporais explícitas que introduzem a oração de tempo. A nossa análise indica que o E(então) está atuando como um marcador discursivo ou conversacional, não tendo uma relação necessária para a expressão da oração de tempo, servindo, portanto, a outras funções discursivas. Isso nos leva a concluir que o modo de articulação das orações temporal e principal é apenas a justaposição. Nas subseções seguintes, iremos apresentar uma série de mecanismos morfossintáticos nos quais as orações temporal e principal são expressas.

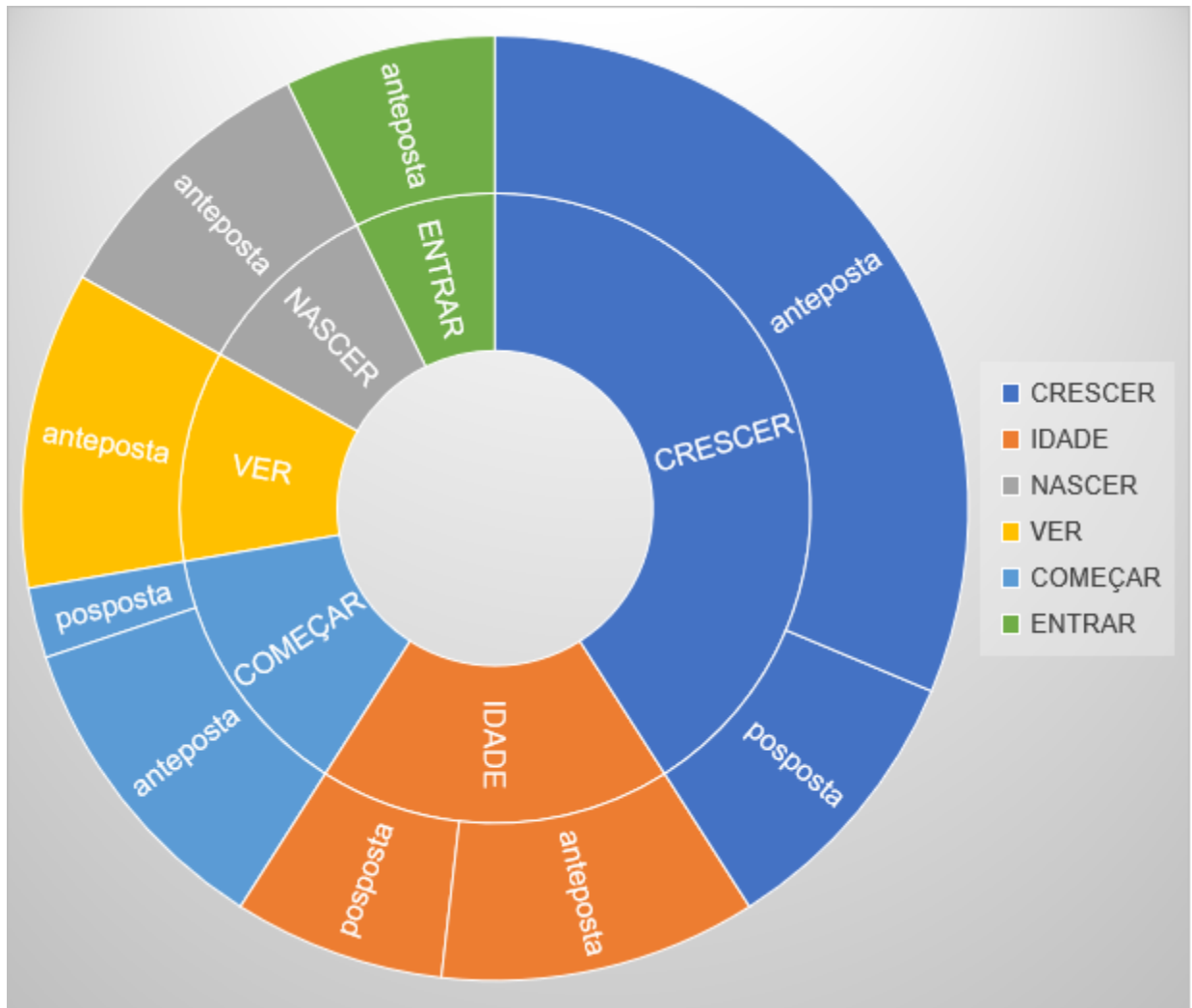
³⁴ Disponível em: <https://youtu.be/Vz4T06mJTZg>.

4.3 Subgrupos de orações de tempo

Identificamos, nos dados, subtipos de orações de tempo que foram agrupados, tendo em vista a frequência *type* (BYBEE, 2003), considerando a recorrência de alguns sinais próprios do campo semântico de tempo (por exemplo, CRESCER, IDADE, CRIANÇA) que poderiam funcionar como seu predicado. Ressaltamos, todavia, que a recorrência desses sinais é possivelmente motivada pelo contexto discursivo, em que os sinalizantes relatam fatos de sua vida pregressa.

Em nossa coleta de dados, identificamos 7 grupos de construções temporais que contêm uma interpretação temporal específica, a depender do sinal utilizado no núcleo verbal. Essas construções estão dispostas na tabela abaixo segundo os seus percentuais que serão mostrados a seguir, com base na totalidade de orações de tempo encontradas no cópuz (210 ocorrências). A construção [OT_CRESCER+OP], sobre a qual nos debruçamos na próxima subseção, é composta por 33 ocorrências, o que corresponde a **16%** das ocorrências encontradas no cópuz. A construção [OT_IDADE+OP] é composta por 16 ocorrências e representa **8%**. A construção [OT_NASCER+OP] é composta por 9 ocorrências, representando **4%** do cópuz. A construção [OT_ENTRAR+OP] é composto por 6 ocorrências e representa **3%**. A construção [OT_LEMBRAR+OP] é composto por 2 ocorrências e representa **1%**. E, por fim, a construção [OT_VER+OP] é composta por 9 ocorrências e corresponde a **4%**. Todos os percentuais foram arredondados para o número inteiro mais próximo. Algumas dessas construções, como, por exemplo, NASCER e CRESCER, apontam necessariamente para uma localização passada do estado de coisas dependente, pela sua natureza semântica.

Tabela 2 – Quantificação das construções de orações de tempo



Fonte: própria.

4.3.1 Orações incluídas no subgrupo [OT_CRESCER+OP]

Com relação a essa construção, ao longo de nossa coleta de dados, nos deparamos com 12 glosas diferentes, mas que na verdade se tratavam de 2 sinais, sendo que cada um apresenta a variante de número de articuladores. Das 12 glosas: INFÂNCIA; QUANDO; CRIANÇA; CRESCER; CRESCER-TAMANHO; MENINA; MENINO; Classificador “crescer”; classificador “tamanho-baixo”; classificador “tamanho-crescer”; classificador “baix@”; emblema “pequen@”. O que antes parecia se tratar de 12 sinais diferentes, na verdade demonstrou-se tratar, em nossa análise, de apenas 2 sinais – com suas variantes. A análise desses sinais nos levantou algumas questões: (a.) trata-se de uma variação linguística e, portanto, contém o

mesmo significado; ou (b.) não se trata de uma variação linguística e, portanto, tem funções linguísticas diferentes. Levantamos essas questões com o intuito de compreender qual o valor semântico produzido por esses sinais e como atuam na interpretação temporal na sentença em que estão presentes.

Uma nova nomenclatura foi dada a esses 2 sinais, com destaque para os seus traços morfofonológicos, conforme o esquema abaixo:

Quadro 9 – Parâmetros morfofonológicos dos sinais CRESCER e CRIANÇA

	CM	M	L	Or
1 articulador:				
CRESCER	[B]	Retilíneo Para cima Contínuo Simples	Espaço Neutro	Para baixo
CRIANÇA	[B]	Não-direcional	Cintura	Para baixo
2 articuladores:				
CRESCER	MD: [B]	Retilíneo Para cima Contínuo Simples	Espaço Neutro	Para baixo
	MND: [B]	Não-direcional		
CRIANÇA	MD: [B]	Não-direcional	Cintura	Para baixo
	MND: [B]	Não-direcional	Cintura, abaixo da MND	

Fonte: própria.

O sinal CRESCER e CRIANÇA podem ser realizados com um ou com dois articuladores. Em algumas ocorrências, apesar de haver o uso de dois articuladores na realização do sinal, apenas a mão dominante realiza o movimento ascendente, para o caso do sinal CRESCER. Para o sinal CRIANÇA, a mão dominante se realiza um pouco acima da mão não dominante, apesar das duas não apresentarem movimento retilíneo. Essas ocorrências foram destacadas com bordas vermelhas no quadro 9. Destacamos em com bordas vermelhas a mão não dominante para quando os sinais CRESCER e CRIANÇA são realizados com dois articuladores.

Outro aspecto interessante analisado por meio desses dados está relacionado aos traços semânticos do desenvolvimento interno de cada estado de coisas expresso por cada um dos sinais. Em todas essas ocorrências, esses sinais integram um estado de coisas que serve como pano de fundo para o evento expresso na oração principal.

A análise dos traços semânticos que esses sinais expressam pode favorecer a interpretação de que se trata do mesmo sinal, no que diz respeito a aqueles que apresentam dois articuladores – um mão dominante (MD) e uma mão não dominante (MND). Nessa perspectiva, temos, então, 2 sinais que expressam 2 estados de coisas distintos entre si, que se diferenciam pela informação temporal sobre a qual o evento da oração principal se desenvolve. A seguir, iremos detalhar os traços semânticos temporais sobre cada um.

A estrutura IX CRESCER expressa o momento de referência (MR), enquanto que a oração principal, que contém a informação asseverada, expressa o momento do evento (ME). Das ocorrências que constituem esse grupo, elencamos as que se seguem.

(a) CRESCER – com um articulador

(78)

	_____ <u>nth</u>		_____ <u>nth</u>	
ENM:	_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>		_____ <u>sa</u> _____ <u>sf</u>	
MD:	IX CRESCER IX		IX CRESCER IFSC	
MND:				

Tradução: Enquanto eu estava crescendo, eu estudava no IFSC



Figura 8 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com um articulador)



Fonte: Corpus de Libras da UFSC

(79)³⁵

	IncB			IncC			
	sf	sa	sa				
	mth						
ENM:		doIX ¹					
MD:	PASSADO	IX	CRESCER	IX	TER-NÃO	PROFESSOR	SURD@
MND:							

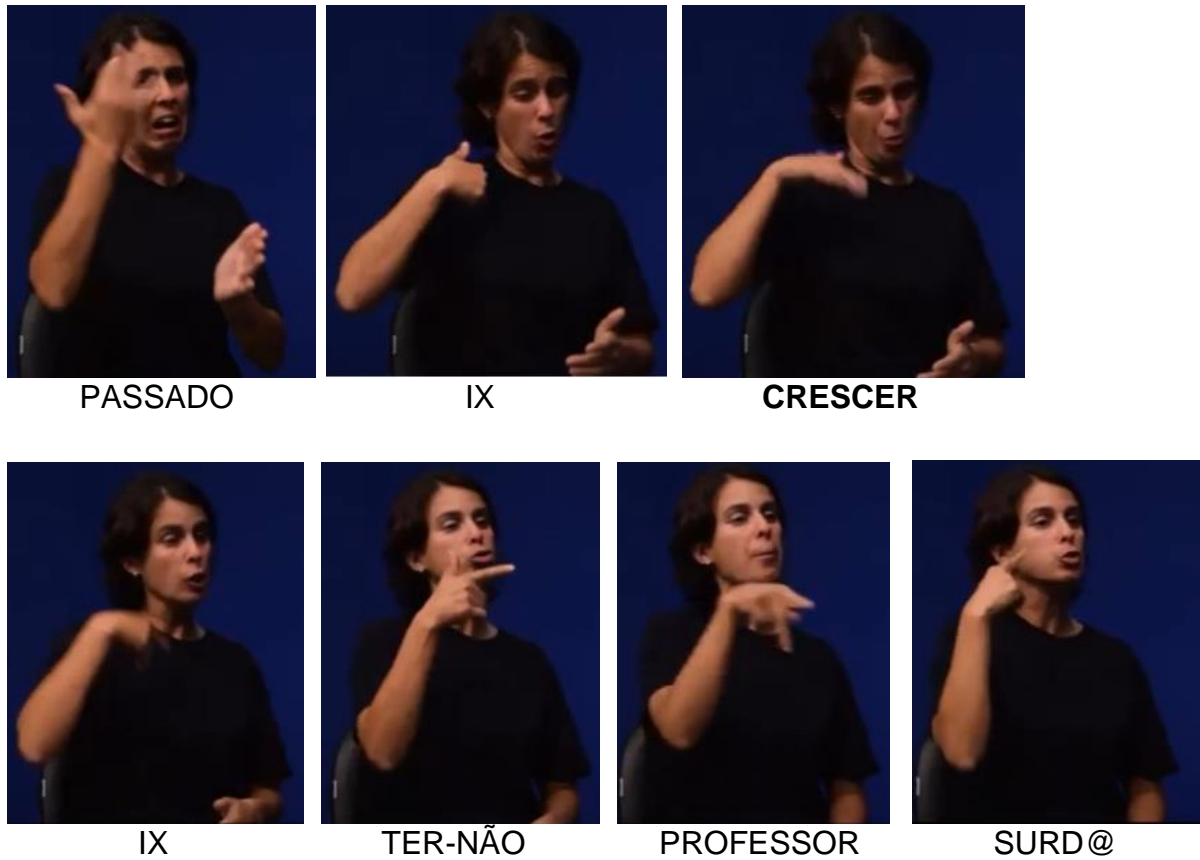
ENM:					sa	
MD:	TER-NÃO	AGORA	ABRIR	PROFESSOR	SURD	FACULDADE
MND:						

Tradução: No passado, quando eu era criança, eu não tive professor surdo. (Tradução livre)



³⁵ Disponível em: <https://youtu.be/96ZMzOyjDqo>.

Figura 9 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com um articulador)



(b) CRIANÇA – com um articulador

(80)³⁶

MD:	VERDADE	PORQUE	POSS(meu)	PASSADO	ESTUDAR	INCLUSÃO
MND:	VERDADE	PORQUE			ESTUDAR	INCLUSÃO

ENM:		<u>sa</u>	
MD:	PORQUE	<u>doIX</u>	RUIM
MND:	PORQUE	CRIANÇA	

Tradução: Verdade. Porque, no passado, estudava numa escola inclusiva. E nessa época, quando eu era criança, era ruim.

³⁶ Disponível em: <https://youtu.be/t--JEDCdcEM>.



Figura 10 – Oração de tempo com núcleo CRIANÇA (com um articulador)



(c) CRESCER – com dois articuladores

(82)³⁷

MD:	CRESCER	COMEÇAR	DOR-DE-CABEÇA
MND:	CRESCER	COMEÇAR	

Tradução: Quando você estava maior, você começou a ter dor de cabeça. (Tradução livre)



Figura 11 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com dois articuladores)



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

³⁷ Disponível em: <https://youtu.be/BlnIUN-X1t0>.

(83)³⁸

	_____doIX			
		_____mth		_____mth
ENM:	BAIXO	CRESCER	POSSÍVEL	IMPLANTE-COCLEAR
MD:	BAIXO	CRESCER	POSSÍVEL	IMPLANTE-COCLEAR
MND:	BAIXO	CRESCER	POSSÍVEL	IMPLANTE-COCLEAR

Tradução: Quando eu cresci, foi possível fazer a cirurgia do implante coclear.
(Tradução livre)



Figura 12 – Oração de tempo com núcleo CRESCER (com dois articuladores)



BAIXO

CRESCER

POSSÍVEL

IMPLANTE

Fonte: Córpus de Libras da UFSC.

³⁸ Disponível em: <https://youtu.be/1hZRhZhaGqE>.

(d) CRIANÇA – com dois articuladores

(84)³⁹

	<u>IncB</u>			<u>IncB</u>			
	doIX ¹ doIX doIX ¹			doIX doIX ¹ doIX			
ENM:	<u>sa</u>			<u>sa</u>			
MD:	IX	CRIANÇA	IX	NUNCA	ESTUDAR	SURDO	CRIANÇA
MND:	CRIANÇA				ESTUDAR		CRIANÇA

Tradução: Eu, quando era criança, eu nunca estudei com surdos, quando era criança.
(Tradução livre)



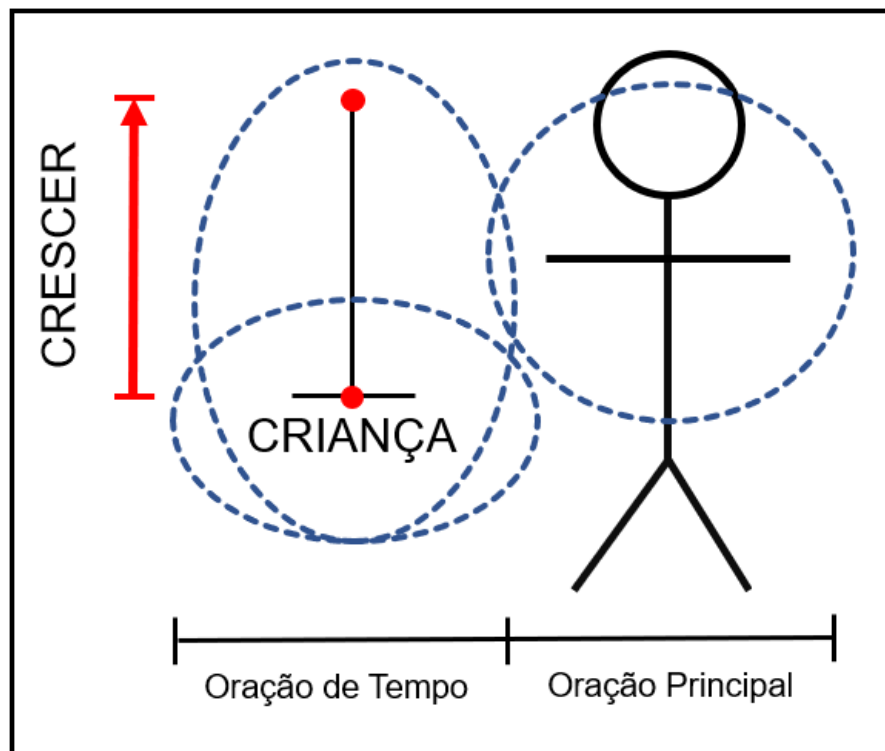
Nesta subseção, apresentamos a construção [OT_CRESCER+OP] e os 2 sinais que a constituem, a depender dos valores semânticos expressos pelo núcleo. Com relação aos questionamentos que levantamos, concluímos que se trata, portanto, de 2 sinais, e apresentam variantes que se diferenciam pelo número de articuladores – em relação a esses sinais, na verdade, há o acréscimo de uma mão não dominante para as variáveis dos sinais CRESCER e CRIANÇA. Cada um desses 2 sinais apresentam traços semânticos temporais diferentes entre si, sendo que cada um fornece uma informação temporal diferente para o evento expresso na oração principal. Essa construção demonstrou ser produtiva para a expressão das orações de tempo, dada a sua natureza morfossintática.

Iremos apresentar a seguir ocorrências nas quais houve o uso em conjunto dos sinais CRESCER e CRIANÇA para a expressão de uma sentença temporal. Nessas ocorrências notamos que os sinalizantes fizeram uso de sinais com o objetivo de descrever os acontecimentos ao longo de sua vida, ao longo do processo de crescer. Além disso, retomamos Moreira (2016), para essa construção em específico, uma vez que em nossos dados pudemos localizar as mesmas marcadores não manuais encontradas em seus dados. Em nossos dados, vemos que há uma associação dessas marcadores não manuais. Os sinais CRESCER e CRIANÇA são realizados com base numa linha temporal paralela ao corpo. Além disso, notamos que em algumas das nossas ocorrências esses sinais são realizados com certa distância do

³⁹ Disponível em https://youtu.be/_ED25Q5MXMg.

corpo, o que reforça, segundo Moreira, a referência a um tempo passado. Pudemos notar também que a direção dos olhos é muito frequente nesse tipo de construção. Quantificamos que o sinalizante direciona os olhos para o local e para os sinais CRESCER e CRIANÇA em aproximadamente **80%** das ocorrências. Por outro lado, não identificamos o uso do movimento do corpo para os lados como marcador de referência ao passado, em nossos dados.

Figura 13 – Espaço de sinalização das orações temporal e principal para a construção [OT_CRESCER+OP]



Fonte: própria.

No quadro acima, apresentamos uma ilustração sobre os espaços de sinalização dos sinais CRESCER e CRIANÇA, na construção [OT_CRESCER+OP]. Para a expressão dessa construção, como dito anteriormente, o sinalizante faz uso de uma linha paralela ao corpo, por meio da qual são possíveis expressar 2 sinais, sendo que dois deles podem apresentar uma variação pelo número de articuladores. O local onde o sinal é realizado, com base na extensão dessa linha imaginária, favorece a determinação dos traços semânticos temporais de cada estado de coisas

vinculado pelos sinais dentro da oração temporal. Essa linha imaginária pode ser disposta, no espaço de sinalização, para expressar esses sinais, tanto próximo ao corpo, em frente a ele, quanto pode ter um grau de distanciamento, mais afastado do corpo. Um fato interessante dessa linha imaginária é que ela vai ao encontro do critério relacionado ao grupo de fatores **6**, que diz respeito à dependência semântica do estado de coisas da oração temporal, isto é, a impossibilidade dessa oração ocorrer isoladamente, como uma oração simples. Em nossos dados, não encontramos nenhuma ocorrência que faça uso dos sinais CRESCER e CRIANÇA que não esteja necessariamente vinculado a um estado de coisas principal, o que reforça o critério de número **6**. Essa linha imaginária, para os nossos dados, foi usada exclusivamente para expressar estados de coisas dependentes, podendo funcionar, quando antepostas, como um pano de fundo para o evento principal.

A tese defendida por Moreira (2016), apesar da sua investigação ter como foco o estudo da descrição de tempo, como a localização temporal, e ter tomado como base, sobretudo, ocorrências orações simples em seu córpus, ela vai ao encontro da análise de nossos dados, que versam sobre orações complexas. Demonstramos, na análise da construção [OT_CRESCER+OP], nesta subseção, que as marcadores não manuais analisadas pela autora, como, por exemplo, (a.) direção dos olhos, (b.) local, distanciado ou não distanciado, de realização dos sinais, (c.) uso de linha imaginária paralela ao corpo, também se aplicam para análise dos nossos dados. Encontramos as mesmas marcadores não manuais identificadas pela autora em sua pesquisa.

Consideramos que a construção [OT_CRESCER+OP] é uma estrutura produtiva para a expressão da oração de tempo no nosso córpus e isso demonstra estar associado ao seu caráter temporal de narração.

(85)⁴⁰

MD:	CRIANÇA	IMPLANTE-COCLEAR	CRIANÇA	
MND:			CRIANÇA	E(positivo)

MD:	MAS	CRESCER	AGORA	IMPLANTE-COCLEAR	POR-QUE?
MND:	MAS	MAS	AGORA	IMPLANTE-COCLEAR	POR-QUE?

Tradução: (Por exemplo), quando a criança pequena recebe o implante, ela é pequena, tudo bem, mas quando ela cresce, aí vai receber implante, por quê?⁴¹



Essa ocorrência é interessante pelo fato de que, em sua sinalização, a informante transita pela sinalização de dois estados de coisas, disponíveis na linha imaginária, expressos pelos sinais CRIANÇA e CRESCER. Além do fato da informante usar o sinal MAS, o uso dos sinais CRIANÇA e CRESCER reforça o caráter disjuntivo da sentença, tendo em vista que a semântica temporal desses sinais se opõem, pois se refere a circunstâncias temporais distintas, uma quando era criança e outra quando já havia passado pelo processo de crescimento. Nessa perspectiva, o emprego da construção [OT_CRESCER+OP] apresenta um caráter narrativo, por se tratar de um contexto saliente para o seu uso – um relato de experiência, além de apresentar um caráter argumentativo.

Apresentamos, em 86, uma outra ocorrência que também faz uso da linha temporal:

⁴⁰ Disponível em: <https://youtu.be/31mT-jS1S5w>.

⁴¹ Não incluímos as glosas nessa ocorrência, mas a informativante continua o discurso do seguinte modo, explicando os prejuízos de se fazer a cirurgia do implante coclear: “Isso prejudica o ouvido. Provoca dor. Pode causar choque. Inclusive pode causar a morte.”

(86)⁴²

MD:	IX	ESPERAR	PASSADO	IX	CRIANÇA	JOVEM	IDADE	12
MND:		ESPERAR	PASSADO			JOVEM		

MD:	CRESCER	ENTRAR	ESTUDAR	PARAR
MND:			ESTUDAR	PARAR

Tradução: Eu parei de estudar, no passado, quando eu era jovem, quando eu tinha 12 anos. Quando eu cresci, eu frequentei a escola, mas parei. (Tradução livre)

Parei há muito tempo atrás. Parei de estudar ainda jovem, aos 12 anos de idade. Um pouco mais crescida fui até a escola, mas deixei de ir. (Tradução UFSC)



Nessa ocorrência, também, vemos que a informante faz uso da linha temporal, para fazer a sua narração e descrever momentos diferentes. Essa estrutura gramatical dispõe de um local do espaço de sinalização para realizar os sinais CRESCER e CRIANÇA, na linha temporal, que indicam o Momento de Referência (MR) – veiculado pela oração de tempo, bem como realiza os sinais que veiculam a oração principal, para o Momento de Evento (ME), num local mais a frente do corpo. O estado de coisas da oração principal ocorre em perspectiva das circunstâncias temporais expressas pela oração temporal, que veicula o estado de coisas dependente.

Apresentamos em 87 mais uma ocorrência na qual os informantes fazem uso dessa construção:

⁴² Disponível em: <https://youtu.be/nW3y9eVvYCs>.

(87)⁴³

MD:	ACEITAR	CRIANÇA	SABER-NÃO	SURD@	DIREITO	SABER
MND:	IX	E(acabar)	CRIANÇA			

MD:	CRESCER	SURD@//	PODER//	MUDAR-IDEIA	ENGANAR	E(puto)
MND:	CRESCER	ADULTO			ENGANAR	E(puto)

Tradução: A criança, quando pequena, não sabe o que está acontecendo de fato. O surdo tem direito de saber a gravidade da situação. Aí ela cresce, e se torna adulto, ele toma noção da situação e se sente enganado. Fica puto com o que lhe aconteceu. (Tradução livre)



Ressaltamos que a ocorrência acima é a única em que há o uso do sinal ADULTO. Além disso, notamos que essa sentença pode ter duas interpretações. A tradução que fizemos aqui trata-se de uma período composto por subordinação, tendo, assim, a presença de uma oração de tempo com núcleo ADULTO. No entanto, é possível ser traduzida como uma período simples. Desse modo, precisaríamos de mais ocorrências que fizessem uso do sinal ADULTO para averiguar se é possível e comum uma construção na qual a oração d'pe tempo pode ter como núcleo o sinal ADULTO.

⁴³ Disponível em: <https://youtu.be/a0IL8TXs62w>.

Figura 14 – Oração de tempo com núcleo ADULTO



ACEITAR/IX



CRIANÇA



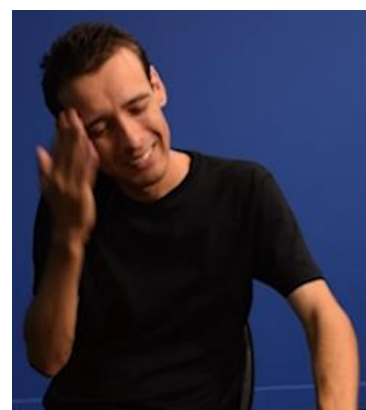
NÃO-SABER



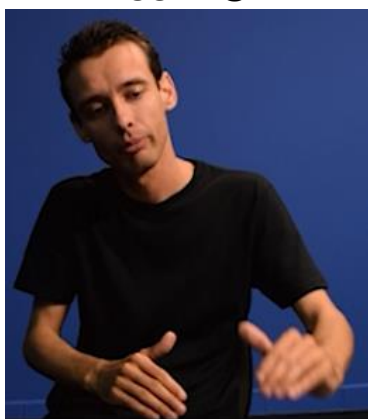
SURD@



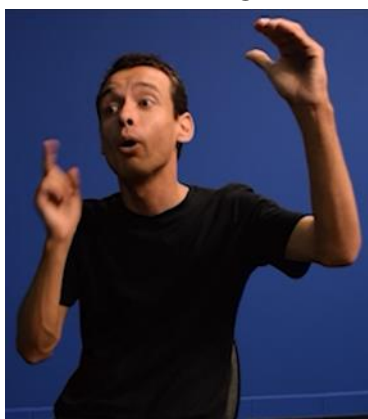
DIREITO



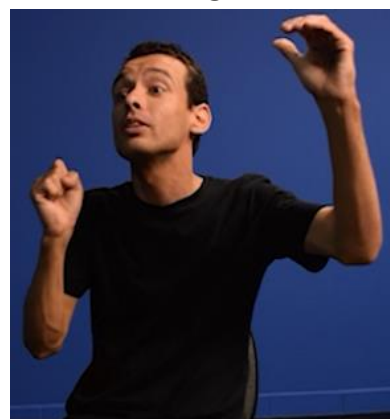
SABER



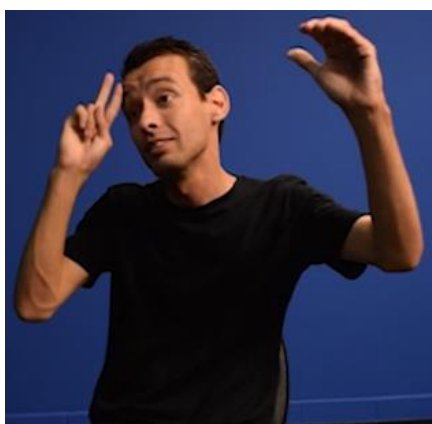
CRESCER



SURD@



ADULT@



MUDAR-IDEIA



ENGANAR



E(puto)

4.3.2 Orações incluídas no subgrupo [OT_IDADE+OP]

Esse grupo de ocorrências têm como núcleo o sinal IDADE. Essa construção não apresenta variação morfofonológica relevante que expresse uma alteração significativa em seu sentido. Nessas duas ocorrências podemos identificar, por meio do contexto, que em 88 é um evento passado, e em 89 é um evento futuro. O estado de coisas dependente, veiculado pela oração temporal, em 88, promove um pano de fundo para o evento expresso na oração principal, além de conter um aspecto durativo e imperfectivo. Na ocorrência em 89, notamos que não há aspecto perfectivo (acabado) tendo em vista que se trata de um evento futuro. Afirmamos isso pelo fato de que eventos do futuro não apresentam aspecto, pois se trata de uma hipótese. No português, apenas o futuro do pretérito habilita uma leitura aspectual. Não identificamos essa especificidade temporal em nossos dados.

(88)⁴⁴

MD:	IDADE	5	JÁ	SABER	LER	ESCREVER
MND:						

Tradução: *Quando eu tinha 5 anos, eu já sabia ler e escrever. (Tradução livre)*



(89)⁴⁵

MD:	IDADE	50	JÁ	PRECISAR	NÃO
MND:				PRECISAR	

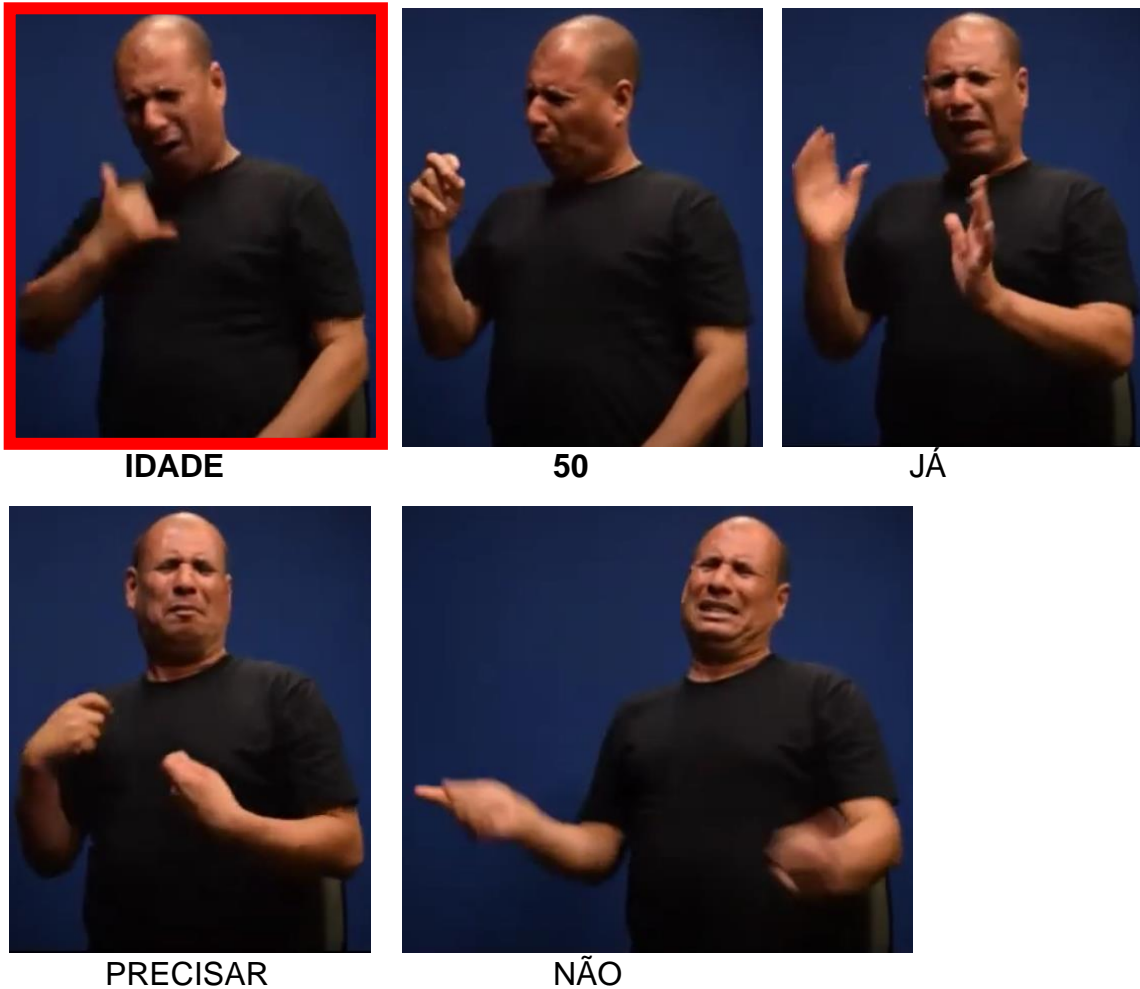
Tradução: *Quando já se está com 50 anos de idade, não precisa mais [do aparelho auditivo]. (Tradução livre)*



⁴⁴ Disponível em: <https://youtu.be/a1nwrF9udP4>.

⁴⁵ Disponível em: <https://youtu.be/LUdjO7c0VsY>.

Figura 15 – Oração de tempo com núcleo IDADE.



Fonte: Córpus de Libras da UFSC

4.4 Em resumo

Na subseção 4.1, por meio da nossa investigação sobre as orações de tempo na Língua Brasileira de Sinais (libras) e com base no córpus analisado, pudemos atestar que a ordem não marcada das oração de tempo   anteposição, em relação   oração principal, para os nossos dados em específico. Além disso, nas subseções 4.1.1, 4.1.2 e 4.1.3, pudemos trazer em nossa análise a descrição de diversos aspectos morfossintáticos articulados a essa oração, além de descrever também os aspectos semânticos e pragmáticos, responsáveis pelas expressões morfossintáticas. Na subseção 4.2, discutimos sobre o uso do emblema “então” – E(então), e sobre o seu estatuto morfossintático: se trata de uma possível conjunção temporal ou apenas de uma marcador conversacional. Apresentamos, por fim, na subseção 4.3,

subgrupos de orações de tempo que foram separadas segundo o sinal utilizado na oração temporal: as construções [OT_CRESCER+OP] e [OT_IDADE+OP].

5. CONCLUSÕES FINAIS

Apresentamos ao longo de nosso texto a primeira investigação linguística sobre as orações de tempo em libras, à luz de uma abordagem tipológica-funcional (CROFT, 2001; CRISTOFARO, 2003). Nesta pesquisa pudemos apresentar os principais critérios para a identificação desse complexo oracional, que se constitui pela correlação temporal entre dois estados de coisas – o estado de coisas dependente, veiculado pela oração de tempo; e o estado de coisas principal, veiculado pela oração principal. A expressão desse complexo pode ser realizada por meio de diversos mecanismos morfossintáticos com base nos quais emergem valores semânticos e pragmáticos que servem aos propósitos comunicativos e discursivos do sinalizante.

Assim, com esta investigação atestamos que a ordem não marcada da oração de tempo, em relação à oração principal, é a anteposição, tomando como base o córpus analisado. Analisamos 210 ocorrências de orações de tempo, com uma diversidade de aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos associados a essa oração, que foram explorados no capítulo de Análise. Adotando uma perspectiva tipológico-funcional de análise, o estudo ora empreendido oferece uma descrição das orações de tempo que avança para além das interpretações do funcionamento da correlação temporal, proporcionando um embasamento para compreender o funcionamento de outros complexos oracionais que estão ancorados na relação temporal, a mais básica em relação aos demais tipos de relação semântica entre as orações adverbiais. Sob essa perspectiva, podemos citar as diversas ambiguidades semânticas que descrevemos na nossa análise.

Finalizado nosso trabalho, que versou sobre a descrição das orações temporais em libras, ressaltamos, no entanto, que esse tema de pesquisa carece de maior aprofundamento teórico-científico, que possa permitir uma análise mais aprofundada, que não pode ser integralmente executada neste momento, tendo em vista o prazo exigido para sua conclusão. Apresentamos, pois, nossos resultados, deixando também uma agenda para os estudos descritivos sobre a libras e para as línguas de sinais, de modo geral. Gostaríamos de demarcar nessa agenda a necessidade de avançarmos nossos conhecimentos sobre o modo como os processos de articulação de cláusulas se dão nas línguas de sinais, numa comparação e também num contraste

com as línguas orais, e também sobre como as relações lógico-semânticas de tempo, causa, condição, finalidade, entre outras, são expressas nas línguas de modalidade visio-gestual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARONS, D. *et al.* Lexical tense markers in American Sign Language. *In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (org.). Language, gesture and space.* New York: Psychology Press, p.225-253, 1995.
- ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia.* Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERGMAN, B.; DAHL, Ö. Ideophones in Sign Language? The place of reduplication in the tense-aspect system of Swedish Sign Language. *In: BACHE, C.; BASBØLL, H.; LINDBERG, C. (org.). Tense, aspect and action: empirical and theoretical contributions to language typology.* Berlin: Mouton de Gruyter, p.397-422, 1994.
- BERTUCCI, R. A.; FINAU, R. A. Uma descrição inicial do presente perfeito na Libras. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.60, n.1, p.71-89, 2018.
- BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. *In: NEVES, M. H. M. (org.). Gramática do Português Falado: Novos Estudos.* Campinas: Editora da UNICAMP, p.443-459, 1999.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In: BRIAN, D. J.; RICHARD, D. J. (ed.). Handbook of Historical Linguistics.* Oxford: Blackwell, 2003.
- CAPOVILLA, F. C. *et al. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- CHAFE, W. *How People Use Adverbial Clauses.* Berkeley Linguistics Society, p.437-449, 1984.
- CRASBORN, O. A. *How to recognise a sentence when you see one.* Nijmegen: Sign language & linguistics. vol.10, p.103-111, 2007.
- CRISTOFARO, S. *Subordination.* Oxford: University Press, 2003.
- CROFT, W. *Radial Construction Grammar: Syntactic Theory Typological Perspective.* Oxford: University Press, 2001.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português.* São Paulo: Parábola, 2005.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do Português contemporâneo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007 [1985].
- DIK, S. *The theory of functional grammar.* Dordrecht: Foris, 1989.
- ELAN. Eudico Annotator – ELAN. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tlatools/elan/>. Acesso em: 02 mar. 2019.
- FIQUEIREDO, L.; LOURENÇO, G. *Analisando a Língua Brasileira de Sinais como uma língua sem-tese.* *SCRIPTA*, v.24, n.51, p.361-396, 2020.
- FINAU, R. A. *Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS.* 2004. 238f. Tese. (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FRIEDMAN, L. A. *Space, time, and person reference in American Sign Language*. *Language*, v. 51, n. 4, p. 940-961, 1975.

FRIDMAN-MINTZ, B. *Tense and Aspect Inflections in Mexican Sign Language Verbs*. 2005. 346p. Thesis. (Doctor's Degree of Philosophy in Linguistics) - Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington D.C., 2005.

FORD, C. *Grammar in ordinary interaction: the pragmatics of adverbial clauses in conversational english*. Ph.D. Dissertaion - University of California - UCLA, 1988.

GÖKGÖZ, K. *Topics in Turkish Sign Language (TİD) Syntax: Verb Movement, Negation and Clausal Architecture*. 2009. 94p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2009.

GREIMAS, A. J.; COUTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2º. Edição. São Paulo: Contexto, 2012.

HAIMAN, J. *Iconic and economic motivation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HAIMAN, J. *Natural Syntax, Iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, B., CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. *ELAN – Linguistic Annotator*. Versão 4.4.0. Disponível em: <https://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>. Acessado: 2 de setembro de 2018.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Cultrix, 1977.

JACOBOWITZ, L.; STOKOE, W. *Signs of tense in ASL verbs*. *Sign Language Studies*, v. 60, p. 331-340, 1988.

KARABÜKLÜ, S. *Time and aspect in Turkish Sign Language (TİD): manual and nonmanual realizations of “finish”*. 2016. 169p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2016.

KLOMP, U. *Conditional clauses in Sign Language of the Netherlands: A corpus-based study*. *Sign Language Studies*, 2019.

LABOV, W. The transformation of Experience in Narrative Syntax. In: Labov, W. (ed.) *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1976.

LEESON, L. M. *The Expression of Time in Sign Languages with Special Reference to Irish Sign Language*. 1996. 130p. MA Thesis (Master's Degree of Philosophy in Linguistics) - University of Dublin, Dublin, 1996

- LEITE, T. de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2008.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, p.181-225, 1988.
- LISPECTOR, C. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964.
- MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Editorial Caminho: Lisboa, 1989.
- MEIR, I. *A perfect marker in Israeli Sign Language*. *Sign Language & Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 43-62, 1999.
- NEIDLE, C. *et al. The syntax of American Sign Language: functional categories and hierarchical structure language, speech, and communication*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R; NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processo de construção*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- NEVES, M. H. M. As conjunções temporais. As construções temporais. In: NEVES, M.H. M. (org.) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo/SP: Editora da Unesp, 2000.
- MOREIRA, R. L. *Um olhar da semiótica para os discursos em libras: descrição do tempo*. 207 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.
- OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN. In: FREITAG, R. M. K. (org). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMD-9cap>. Acesso em: jan. 2020.
- PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. In: NARROG, H., HEINE, B. (ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, p. 683-695, 2011.
- PFAU, R. Syntax: complex sentences. In: BAKER, A.; BOGAERDE, B. van den; PFAU, R.; SCHERMER, T. (ed.). *The Linguistics of Sign Languages: An Introduction*. Amsterdam: Benjamins, 2016.
- QUADROS, R. M. *et al. Corpus de Libras da UFSC*. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: set. 2019.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: MacMillan, 1947.
- RODRIGUES, A. *Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais*. Tese de Livre Docência. 2020 (inédito).

RODRIGUES, A.; SOUZA, J. C. *Gramaticalização do sinal MOTIVO na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso*. Revista do GEL, v. 16, p. 53-82, 2019.

RODRIGUES, A. *Conjunctions in complex clauses in libras (brazilian sign language): structure and grammaticalization*. Relatório Posdoc. FAPESP. 2018 (inédito).

SANDLER, W.,; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, I. B. de O.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Propriedades funcionais verbais na língua brasileira de sinais*. Linguística, v. 12, n. 2, p. 161-182, 2016.

SOUZA, M. S. C. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Araraquara, 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. *The linguistics of British Sign Language: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TROMPSON, S. A. Subordination in formal and informal discourse. *In*: SCHIFFRIN, D. (ed.). *Meaning, form and use in context*. Washington, D. C: Georgetown University Press, 1985.

ZESHAN, U. *Aspect of Türk İşaret Dili (Turkish Sign Language)*. Sign Language and Linguistics, v. 6, n. 1, p. 43-75, 2003.

ZUCCHI, S. *Along the time line: tense and time adverbs in Italian Sign Language*. Natural Language Semantics, v. 17, n. 2, p. 99-139, 2009.